



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RAYANE DE LIMA BRASIL

***TUDO É CONSTERNAÇÃO, MISÉRIA E DESESPERO: SECA E DOENÇAS NA
PROVÍNCIA DA PARAHYBA NA DÉCADA DE 1870***

**JOÃO PESSOA - PB
2023**

RAYANE DE LIMA BRASIL

***TUDO É CONSTERNAÇÃO, MISÉRIA E DESESPERO: SECA E DOENÇAS NA
PROVÍNCIA DA PARAÍBA NA DÉCADA DE 1870***

Monografia apresentada ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura plena em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano

JOÃO PESSOA - PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

B823t Brasil, Rayane de Lima.

Tudo é Consternação, Miséria e Desespero: Seca e Doenças na Província da Parahyba na Década de 1870 / Rayane de Lima Brasil. - João Pessoa, 2023.

50 f. : il.

Orientação: Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Saúde. 2. Doenças. 3. Seca. 4. Parahyba do Norte.
5. Médicos-higienista. I. Mariano, Serioja Rodrigues Cordeiro. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94(813.3)

RAYANE DE LIMA BRASIL

***TUDO É CONSTERNAÇÃO, MISÉRIA E DESESPERO: SECA E DOENÇAS NA
PROVÍNCIA DA PARAHYBA NA DÉCADA DE 1870***

Monografia apresentada ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura plena em História.

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
DH/PPGH/UFPB
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano
DFE/ProfHistória/UFPB
(Avaliadora)

Prof.^a Dr.^a Janyne Paula Pereira Leite Barbosa
Faculdade Maurício de Nassau
(Avaliadora)

JOÃO PESSOA - PB
2023

Aos meus pais, Rosiane e Josinaldo, por todo o amor, carinho, conselhos e o apoio incondicional que sempre tiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, que tanto me ajudou durante toda esta jornada. Aos meus pais, Rosy e Naldo, por sempre estarem presentes, serei eternamente grata.

À minha irmã Jamilly, minha companhia e conforto de todas as horas e segundos, obrigada por tornar qualquer situação mais leve e engraçada, sempre olhando pelo lado positivo das coisas.

À Vovó Rita, por todo o carinho e amor que tem por mim (Vó, a senhora não precisa mais perguntar quando vou terminar o curso, aleluia!).

As minhas tias do coração: Brasil, Lu e Zana.

À Pitucha, Mel (*in memorian*) e Bolinho (*in memorian*), minhas cachorrinhas, pelos momentos de descontração, por ouvir minhas reclamações e palavras sem sentido algum.

Quero agradecer especialmente à Serioja Mariano, minha orientadora e inspiração como professora e pesquisadora, jamais esquecerei das aulas de História Antiga I, História da Paraíba I e a optativa de Tópicos em História Antiga. Agradeço também pela paciência, compreensão e dedicação em me conduzir na produção deste trabalho.

À minha Turma 2018.2, e aos amigos (as/es) que o curso me proporcionou: Luka Romão (sentirei saudades dos nossos trabalhos feitos na madrugada), ao grupo eterno de Christopher Hill: Henrique Louvem, Ana Júlia e Vivia Melo; a minha dupla de pesquisa do Pibic, Mariana Karen; à Vera Bernal, que compartilhou comigo as angústias e os desafios do estágio.

Agradeço às professoras Solange Rocha, Cláudia Cury e a Cláudia Lago por suas contribuições e ensinamentos ao longo da minha formação.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista.

Às professoras avaliadoras, Nayana Mariano e Janyne Barbosa, que aceitaram gentilmente o convite.

À Thalita Geovanna, que finalmente terá suas mensagens respondidas.

Agradeço à UFPB, que resistiu em tempos de negacionismo e obscurantismo do conhecimento científico, e pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Este estudo busca analisar e compreender a saúde e as doenças na Província da Parahyba do Norte ao longo da década de 1870, especialmente no contexto da chamada “Grande Seca” de 1877-1879. Esta estiagem trouxe diversas consequências: a alta taxa de mortalidade, o aumento da desnutrição e de doenças que se intensificaram, de acordo com o processo migratório de muitas famílias desvalidas, em busca de melhores condições de vida e subsistência, para os centros urbanos provocando uma superlotação considerada anti-higiênica, segundo os médicos-higienistas da época. Para chegarmos aos resultados deste trabalho consultamos os jornais, relatórios, ofícios, mapas estatísticos, entre outras fontes; além da análise historiográfica sobre a temática. Desse modo, buscamos compreender, a partir da História da Saúde e das Doenças, como a seca de 1877 impactou não só as condições de vida e higiene da população, mas também o cenário econômico, social e político da Província.

Palavras-chave: Saúde; Doenças; Seca; Parahyba do Norte; Médicos-higienista.

ABSTRACT

This study analyzes the search for and understands health and disease in the Province of Parahyba do Norte throughout the 1870s, especially in the context of the so-called “Great Drought” of 1877-1879. This drought brought several consequences: the high mortality rate, the increase in malnutrition and diseases that intensified, according to the migratory process of many underprivileged families, in search of better living conditions and subsistence, to urban centers that generate an overcrowding considered unhygienic, according to the medical hygienists of the time. To arrive at the results of this work, we consulted newspapers, reports, letters, statistical maps, among other sources; in addition to the historiographical analysis on the subject. In this way, we seek to understand, from the History of Health and Diseases, how the drought of 1877 impacted not only the living and hygiene conditions of the population, but also the economic, social and political scenario of the Province.

Keywords: Health; Disease; Drought; Parahyba do Norte; Doctor-hygienist.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO I- OS CAMINHOS DA PESQUISA | 10 |
| 1.1 TRAJETÓRIA DE PESQUISA..... | 11 |
| 1.2 A HISTORIOGRAFIA E O IMAGINÁRIO DA SECA | 12 |
| 1.3 A SAÚDE E AS DOENÇAS: HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E OBJETO DE PESQUISA | 14 |
| 1.4 HISTORIOGRAFIA PARAIBANA SOBRE A SAÚDE E AS DOENÇAS | 16 |
| 1.5 RECORTE TEMPORAL, OBJETIVOS E FONTES METODOLÓGICAS | 19 |
| CAPÍTULO II - “VÃO MORRENDO ENTREGUES AO MAIS LAMENTÁVEL ESTADO DE DESESPERAÇÃO – CONTEXTO, SAÚDE E DOENÇAS E A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO” | 22 |
| 2.1 O CONTEXTO DA PROVÍNCIA DA PARAHYBA NO SÉC.XIX..... | 22 |
| 2.2 AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS RETIRANTES E OS PLANOS DE COMBATE ÀS SECAS | 23 |
| 2.3 O BREJO E A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO..... | 29 |
| CAPÍTULO III- “ALÉM DE SEREM INFERIORES RELATIVAMENTE AOS PRECEITOS E LEIS DA HIGIENE” | 35 |
| 3.1 AS TEORIAS MÉDICAS E A SANTA CASA DA MISÉRICÓRDIA..... | 35 |
| 3.2 AS PRÁTICAS DE CURA | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

CAPÍTULO I- OS CAMINHOS DA PESQUISA

[...] A história das secas e do combate aos seus efeitos não é a mesma para o Ceará. O Rio Grande do Norte e a Paraíba: cada uma dessas unidades tem sua situação à parte. [...] Impugnei a falsa noção de que o território paraibano é pouco exposto ao flagelo. Foi o silêncio de nossas dores que favoreceu essa errônea convicção (ALMEIDA, 2012 [1923], p.28-31).

O trecho acima faz parte do prefácio da primeira edição do livro *A Paraíba e Seus Problemas* (1923) de José Américo de Almeida¹, e evidencia a situação climática, sociopolítica e econômica da Paraíba, desde a sua formação, e especificamente entre os séculos XIX e na primeira metade do XX. O autor propõe ao longo do seu estudo uma análise acerca da organização e administração dos combates as longas estiagens e no desenvolvimento dos municípios da Parahyba², percebemos também que Almeida (2012 [1923]) promoveu uma análise climática e histórica da Parahyba que pouco era discutida e analisada se comparamos ao caso do Ceará³ ou do Rio Grande do Norte que ganhou notoriedade nacional.

No decorrer do século XIX, as Províncias do Norte - Alagoas, Bahia, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, foram assoladas por longos períodos de estiagens, a mais crítica de todas ficou conhecida como a “Grande Seca de 1877-1879”, que mobilizou um alto índice de migração de retirantes entre estas Províncias e suas respectivas regiões locais. No caso em análise, na Província da Parahyba, outros momentos de seca são relatados ao longo da história, por exemplo: em 1692, percorrendo outros episódios entre 1711, 1723-1727, 1736-37, 1746-47, 1777-78, 1791-93, 1803-04, 1824-25, 1845-46, 1877-79, 1888-89 e 1898⁴.

Apesar dos seus impactos, a seca não foi o único flagelo que atingiu a Parahyba, entre as décadas de 1850 e 1860, os surtos de varíola e as epidemias de febre amarela e *cholera*

¹ Nascido em Areia, José Américo de Almeida, foi um escritor e político paraibano pertencente à Geração de Romancistas e Regionalista do Nordeste. Ocupou diversos cargos públicos e jurídicos, entre eles o de Ministro da Viação e Obras Públicas (1930-1934) e Governador do Estado da Paraíba em 1950.

² Optamos por utilizar a grafia “Parahyba” em referência ao séc.XIX.

³ Segundo Albuquerque Jr. (1988, p. 22-23), a Província do Ceará, em 1877, possuía aproximadamente 886.276 habitantes, com os impactos causados pela seca, obteve cerca de 119.000 mortes, ou seja, 14,4% da população cearense.

⁴ ALMEIDA (2012 [1923], p. 139-150) elabora uma linha cronológica sobre as estiagens na Paraíba desde o século XVII.

morbus, devastou uma parte relevante da população parahybana. Somado a isso, as condições de saúde, a falta de assistência médica e o estado sanitário da Província eram considerados precários, através da atuação da Inspetoria de Higiene e Saúde Pública, que baseavam-se no discurso médico-higienista da época, inúmeras medidas foram tomadas para sanar os novos casos: a remoção do matadouro público da capital, localizado na rua das Trincheiras para a estrada das Barreiras (PINTO, 1977), a distribuição e aplicação da vacina antivariólica entre outras medidas específicas de prevenção que foram sendo adotadas nesse contexto.

Com a seca de 1877-79, o cenário insalubre e as moléstias reinantes da época como a "[...] sífilis, o beribéri e as febres de natureza diversas [...]" (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, p.49, 1879) se intensificou em maior proporção devido ao alto fluxo migratório para as regiões da Capital e do Brejo e Litoral, além dos prejuízos causados como a fome, a falta de reservatórios hídricos para o consumo humano e animal, a perda do cultivo e da safra agrícola resultando na mortandade de animais entre outros.

Para amenizar o cenário de fome e miséria em que se encontravam os flagelados, doentes e desvalidos, o governo elaborou um plano assistencial, entre eles, a Comissão de Socorros Públicos, responsável pela distribuição de alimentos, medicamentos, vacinas e itens de higiene básica. No entanto, através da documentação analisada, constatamos que era frequente a falta de organização e estrutura na assistência aos retirantes e na distribuição insuficiente desses recursos, são alguns dos principais fatores que contribuíram para o aumento da desnutrição e das doenças entre recém-nascidos, crianças, homens e mulheres, levando muitos à morte.

Neste sentido, este estudo tem por objetivos: compreender os impactos do fenômeno da “Grande Seca” de 1877-79 na Província da Parahyba do Norte, analisando a atuação do sistema político-administrativo público como na criação de medidas emergenciais de combate aos efeitos da seca e assistenciais: no amparo médico, alimentício e econômico aos retirantes e indigentes. Procuramos ainda analisar a representação social em torno da saúde e das doenças que acometiam a população flagelada, além dos discursos e as práticas terapêuticas utilizadas durante o período em análise.

1.1 TRAJETÓRIA DE PESQUISA

O interesse pelo tema da História da Saúde e das Doenças, como objeto e linha de pesquisa, surgiu em 2020, no curso de extensão “A Paraíba Oitocentista em perspectiva:

instrução, saúde e doenças”⁵ ofertado pelas professoras Serioja Mariano, Nayana Mariano e Solange P. Rocha; além disso, passei a acompanhar e participar das reuniões e dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista (GPSCNO).

Diante deste percurso, a elaboração da minha primeira pesquisa sobre a temática foi através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ/UFPB), com o plano de trabalho intitulado: *As condições de Saúde da População Escravizada Durante as Epidemias do Cólera na Paraíba (1856-1862)*⁶, sob a orientação da Prof^a Dr^a Serioja R. C. Mariano (UFPB/DH), e posteriormente, com o plano *As Doenças na Paraíba do Norte no Contexto da Seca de 1877-1879* que resultou no aprofundamento desta monografia.

1.2 A HISTORIOGRAFIA E O IMAGINÁRIO DA SECA

Os estudos historiográficos sobre a Seca na antiga região Norte do Brasil apresentam diversas visões sobre os fluxos migratórios ocorridos em massa, a partir da segunda metade do século XIX, seja representado pela condição de pobreza, fome e atraso, acometidos por diversas doenças, fugindo da temida morte; ou como fenômeno das condições climáticas ou problema nacional. Além disso, em termos sociais e econômicos, torna-se um problema não apenas das camadas mais pobres, e sim, de uma estratégia de poder das elites políticas locais.

Os primeiros trabalhos surgem como propostas de combate à seca de 1877 no Ceará, são projetos elaborados, sobretudo, por grupos de engenheiros, políticos ou naturalistas (SIMONINI, 2020), entre eles, o engenheiro André Rebouças e seu famoso artigo intitulado “*A Seca nas Províncias do Norte*” (1877) que elenca uma série de medidas para sanar o problema: a construção de represas e depósito para o abastecimento de rios/açudes, sistema de irrigação e arborização (JOFFILY, 1892, p.105). Ainda no século XIX, a obra *A Fome/Violação*, publicada em 1890, Rodolfo Teófilo, do escritor regional-naturalista, avalia as dimensões da seca no Ceará, tendo como foco a narrativa⁷ à fuga de uma família de retirantes e as dificuldades impostas pelo flagelo da seca. Já no século XX, o trabalho do intelectual e político, Felipe Néri

⁵ O curso foi ministrado via Google Meet como parte das atividades extracurriculares elaboradas durante a pandemia de Covid-19.

⁶ Como fruto desta pesquisa, elaboramos o artigo apresentado na Anpuh-PB: BRASIL, Rayane; MARIANO, Serioja R.C. **A Saúde e as Doenças da População Escravizada nos anúncios de jornais da Paraíba (1850-1869)**. In: XX Encontro Estadual de História: Independência, Revoluções e Modernismos. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. v. 1. p. 767-776.

⁷ São inúmeras produções literárias sobre as secas de 1877, algumas baseadas em narrativas ficcionais ou não-ficcionais do romance naturalista e regionalista.

de Brito Guerra, é considerado um marco da historiografia tradicional das secas sobre a região de Mossoró, no Rio Grande do Norte, e defendia "a importância da construção de estradas de ferro, açudes particulares e irrigação no estado" em seu livro *Secas contra a seca*, em 1909 (MATOS, 2018, p.179).

Na historiografia paraibana, o livro de José Américo de Almeida *A Paraíba e Seus Problemas*⁸ (1923), é considerado um marco na historiografia relacionada às secas, o autor expõe as diferenças no desenvolvimento e nas condições climáticas da Parahyba. Em vários momentos, o autor chama atenção para a má administração no combate às secas, inseridas como um mecanismo político das elites. Segundo Almeida (2012 [1923]), apesar das políticas de assistência públicas prestada pelos poderes públicos, inicialmente, com as comissões de Socorros, e depois, com a indústria das secas, ficariam marcadas pelo atraso e desvios de verbas e na distribuição de medicamentos, itens básicos de higiene e gêneros alimentícios. O autor também destaca a criação de estradas e linhas ferroviárias, dos açudes e outros sistemas de irrigação e política hidráulica, como é o caso do Porto de Cabedelo, em que elaborou diversas melhorias que foram colocadas em pautas no governo de João Pessoa. Estas são algumas das contribuições de José Américo na historiografia parahybana, que se preocupava com as desigualdades dos municípios paraibanos e o constante êxodo da população desvalida para as regiões do Sul.

A historiografia recente sobre o tema introduz novas reflexões relativas à História Social, em "*Falhas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema a solução (1877-1922)*", fruto da sua dissertação de mestrado de 1988, Durval Muniz de Albuquerque Jr., chama atenção para o impacto causado nas Províncias, que afetou não só as camadas populares, mas também, a elite nordestina, com a anulação das eleições em 1878, devido ao baixo número de votantes. Além disso, a economia sofria com as quedas do comércio de exportação; o aumento da fome, da prostituição, dos crimes e o número de mortes causadas pelo flagelo intensificavam-se cada vez mais (ALBUQUERQUE JR., p.71, 1988).

Em seu outro estudo sobre as secas, *A invenção do Nordeste e outras Artes* (2006), parte da análise dos discursos imagético e da literatura naturalista sobre as secas que formaram o sentido geral ou o "conceito" de *Nordeste, Nordestinidade e o Ser Nordestino*, e que ao mesmo tempo, "dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de verdades sobre este espaço" (ALBUQUERQUE JR., 2006, p.62). Neste mesmo sentido, a História do Nordeste é

⁸ Almeida (1923), a pedido do Presidente do Estado, Sólton Barbosa de Lucena (1920-1924), preparou um relatório expondo as dificuldades enfrentadas pelo estado em decorrência das secas, que resultou no aprofundamento e publicação desta obra.

construída a partir da “seca nordestina” representada como “a região da miséria e da injustiça social” (2006, p.47). Essa concepção sobre as regiões do Norte foi introduzida na literatura com o “romance de 30” escrito por intelectuais que dão ênfase nas questões do regionalismo com base no discurso naturalista da época. Para citar alguns dos principais romancistas que colaboram para uma imagem do Nordeste como um “espaço da saudade e da tradição” (2006, p.78) destacam-se três autores e suas respectivas obras: José Américo de Almeida - *A Bagaceira* (1928), Rachel de Queiroz - *O Quinze* (1930) e José Lins do Rego - *Menino de Engenho* (1932).

Albuquerque Jr. (2006) ainda faz ainda uma reflexão sobre como essa construção e invenção do Nordeste teve a influência do banditismo social, presente nas secas do século XIX, passou a ser conhecido como cangaço, além das músicas de Luiz Gonzaga retratando a seca constante, a falta de água, a fome, o abandono são parte do pensamento regionalista, e consequentemente da identidade cultural do Nordeste.

Os impactos das estiagens de 1877 até 1898, levaram o governo republicano a adotar medidas emergenciais e projetos/implantações de obras hidráulicas para sanar o problema. Segundo a historiadora Lúcia Guerra (1993), em seu livro *Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba*, esse período ficaria conhecido como a "Indústria das Secas" utilizada como meio para atrair recursos públicos desde o Período Imperial. A autora ainda discorre sobre as propostas baseadas nas Comissões de Açudes e Irrigação e da criação da Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS), vinculada ao Ministério da Viação e Obras Públicas, seu principal objetivo concentrava-se na solução do "problema da água", deixando de lado as questões sociais e econômicas (FERREIRA, 1993, p.80), defendida pela elite oligárquica, que a utilizava como forma de domínio político, e pelos latifundiários, que se apropriavam da fragilidade das vítimas da seca proporcionando a mão de obra barata e em grande escala, criando assim, uma relação de dependência e subsistência.

1.3 A SAÚDE E AS DOENÇAS: HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E OBJETO DE PESQUISA

O campo da História da Saúde e das Doenças começa a ser projetado a partir da década de 1970, com o surgimento da *Nova História*, advinda da 3ª geração da Escola dos *Annales*, constituída por três princípios básicos - a História problema, a História de todas as atividades humanas, e por último, a Interdisciplinaridade (BURKE, 1997, p.12). Entre os primeiros estudos pioneiros temos o livro *As Doenças têm história* (1985) organizado por Jacques Le Goff propõe uma reflexão sobre as doenças vista como elemento social e institucional que consiste nos modos de cura, na vivência e no sofrimento do corpo doente. Além do ensaio de

Jacques Revel e Jean-Pierre Peter (1988) sobre *O corpo: o homem doente e sua história* representa a doença como elemento de transformações sociais, ligado à experiência, identidade, linguagem coletiva e individual. Outros trabalhos como o de Jean Delumeau (1979) que analisou o medo diante do comportamento coletivo em torno da morte e dos processos de adoecimento; e Philippe Ariès (1977) sobre os processos da morte na Idade Média situada no ambiente familiar e suas mudanças na modernidade como a morte privada e medicalizada.

A produção historiográfica brasileira relativa ao tema supracitado é vasta, na segunda metade do século XX, as primeiras obras pioneiras foram elaboradas pelos psiquiatras Roberto Machado (1978) organizador de *A danação da norma: a medicina social e a constituição da psiquiatria* e Jurandir Sebastião Freire Costa (1979) com *Ordem médica e norma familiar*. Ambas as obras tiveram forte influência dos conceitos de Michel Foucault e como *a disciplina, a medicalização da vida, a história das instituições, da medicina social, da biopolítica e do discurso médico-psiquiátrico* foram utilizados na construção dos estudos sobre a Medicina e a Psiquiatria no Brasil.

É a partir da década de 1990, que surgem os novos trabalhos com ênfase na História Social e Cultural dedicadas à Saúde e as Doenças dos escravizados, libertos e dos indígenas, a arte e as práticas de cura, as crises epidêmicas, o saber médico, as teorias higienistas entre outras abordagens. Podemos citar alguns dos principais pesquisadores da área: Terezinha Madel Luiz (1982), Flávio Edler (1992), Cláudio Bertolli (1996), Ângela Porto (1997), Gabriela Sampaio (2001), Betânia Gonçalves Figueiredo (2002), Sidney Chalhoub (1996), Tânia Salgado Pimenta (2003), Diana Maul de Carvalho (2004), Carlos Alberto Cunha Miranda (2004), Dilene Raimundo do Nascimento (2005), Alisson Eugênio (2010).

Entre os estudos inovadores que se alinham à História da Saúde e das Doenças no Brasil Oitocentista, temos as seguintes obras: "*Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*" (1996) de Sidney Chalhoub; e "*A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*" (2002) de Betânia Gonçalves Figueiredo foram essenciais para compreendermos o contexto da época e o processo de higienização pública, assim como as doenças epidêmicas (a cólera, a varíola e a febre amarela), as práticas de cura, o ofício médico, o corpo doente e as políticas de saúde públicas.

Sidney Chalhoub (1996) pretendeu, inicialmente, analisar o cotidiano e as experiências de escravizados e libertos nos cortiços (que serviam como abrigos), mas devido as fontes documentais, a pesquisa acabou se concentrando nas ações higiênicas e sua influência sobre as políticas públicas de saúde do estado. Dessa forma, os cortiços representavam a Cidade Febril, do Rio de Janeiro no século XIX, as chamadas "habitações coletivas" eram vistas como foco

de proliferação de epidemias, esse argumento foi sustentado por médicos, higienistas e sanitaristas. Veremos ao longo do nosso trabalho, aspectos semelhantes ao que foi analisado por Chalhoub, seja nas moradias ou nos núcleos coloniais que abrigavam os migrantes considerados "nocivos" à sociedade ou no que tange aos discursos e as imposições higienistas para sanar o problema.

Betânia Figueiredo (2002) nos apresenta uma abordagem diferente dos conceitos Foucaultianos de poder e vigilância, a autora concentra-se nas relações sociais em torno do processo de institucionalização do "ideal de cultura" e do saber médico, pois, "ao invés de buscar pessoas e soluções (no sentido de habituais e tradicionais) o que se propõe é a intervenção de um corpo de técnicos, com um conhecimento especializado" (2002, p.51) e da desqualificação dos ofícios exercidos por sangradores, barbeiros e curandeiros com as artes da sangria, ventosas entre outras. A autora nos mostra que muitos populares quando não obtinham êxito no tratamento recorriam à medicina popular, além disso, discorre sobre o imaginário criado em torno da doença vista como uma "punição", e os conceitos médicos influenciados pela teoria hipocrática dos quatro humores.

1.4 HISTORIOGRAFIA PARAIBANA SOBRE A SAÚDE E AS DOENÇAS

No início do século XX a produção historiográfica paraibana sobre o tema que trabalhamos esteve presente nas obras dos principais intelectuais e letrados - escritores, médicos e políticos, parte desse grupo era vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). O primeiro artigo da revista do instituto foi *O Cholera Morbus na Paraíba* de Irineu Pinto (1910), que descreveu a origem da denominada "peste asiática" e de como se alastrou nas Províncias brasileiras, causando medo e espanto na população. Outro trabalho sobre a temática intitulado *Medicina, doenças e médicos nos primeiros anos da Paraíba* (1971) Heronides Alves Coelho Filho, neste texto a discussão é sobre as principais doenças que acometiam a população indígena desde o período colonial, como a varíola e o sarampo, oriundas do continente europeu "e a sífilis e a boubá retribuída pelos indígenas aos europeus", em relação à medicina propriamente dita consiste numa "descrição histórica das epidemias sem necessariamente a existência de profissionais médicos ou mesmo de medicamentos capazes de curar os corpos infectados" (SOARES JR. 2021, p.106).

É importante destacar que essas obras foram produzidas de acordo com o contexto e o *lugar social*, institucional ou não, ao qual estavam inseridos (CERTEAU, 2010), tornando-os assim, referência fundamental sobre o tema. De acordo com Soares Jr. (2021), esses autores

estão concentrados na *primeira geração*⁹ do tema, em suma, parte do conteúdo publicado consistia em “contemplar os fatos ocorridos e investigar as origens históricas do paraibano” (DIAS, 1996, p.47) além disso, enfatizavam a atuação dos principais médicos e políticos que atuaram nos períodos epidêmicos e de insalubridade daquela época.

Em sua obra já citada, José Américo de Almeida dedicou alguns capítulos acerca da temática em análise: *O martírio* - relata os processos de migração e a superlotação da Capital, as condições de saúde, as doenças e a fome que tomavam conta dos retirantes; além das políticas públicas criadas e da ocupação dos principais cemitérios; *O Saneamento* - detém-se para a falta de salubridade pública da Província, as instruções higiênicas, além de mapear as endemias desde a colônia até o final do século XIX.

Horácio de Almeida em seu livro, *História da Paraíba vol. 2* (1978 [1966]), dedicou duas pequenas seções, uma delas sobre os "*Males endêmicos*" destacando a varíola, a febre amarela e o cólera como as principais endemias que atingiu a Província da Parahyba, chama atenção ainda para o pouco número de médicos, a construção do primeiro cemitério público da capital chamado Cruz do Peixe, que posteriormente seria substituído pelo Boa Sentença, e o acolhimento da Santa Casa aos enfermos. E na outra seção "*Medicina do povo*" destaca algumas doenças como "o mal do monte, a sezão, o ramo ou constipação", e por fim, dedica uma série de métodos terapêuticos (vinhos, chás, purgante, xarope) utilizados para curar ou aliviar os sintomas do corpo doente.

Oscar de Oliveira Castro expôs em seu livro *Medicina na Paraíba: Flagrantes de sua evolução* (1945) uma breve biografia e ocupação dos médicos que atuaram na Província da Parahyba ao longo do século XIX e XX; cita também o uso de produtos homeopáticos, remédios caseiros e as plantas/raízes medicinais, que antes eram utilizadas no espaço doméstico, se tornaram comuns dentro da medicina popular. O autor também chama atenção para o ofício dos enfermeiros, práticos e das parteiras, além de dedicar um capítulo sobre a higiene, as doenças e seus diagnósticos e as epidemias que assolaram a Província.

É a partir da década de 1990, segundo Soares Jr. (2021, p.124), com a *segunda geração* de pesquisadores, que os estudos relacionados à área da saúde e das doenças ganham novos avanços, sobretudo, no meio acadêmico. Diferente da historiografia considerada tradicional, seguida pela padronização e o elitismo, nos últimos anos encontramos trabalhos ligados à História Cultural que abordam temáticas específicas e inéditas, que nos convém citar alguns trabalhos produzidos.

⁹ Soares Jr. (2021, p.) destaca as principais obras e autores da primeira e segunda geração sobre o tema.

Dentre as novas perspectivas que têm como contexto a Seca de 1877, temos o Trabalho de Conclusão de Curso, de Rosimeire Silva (2012), *Morte e Seca: a cidade de São João do Rio do Peixe (PB) durante a estiagem de 1877/79* concluiu que as regiões do litoral paraibano apresentavam condições propícias à proliferação de doenças devido ao alto número de habitantes e de desnutrição. Outro fator interessante é o imaginário popular, caracterizado pelo pecado a ser pago, ou seja, muitos acreditavam que a seca era uma punição divina.

Em relação às vítimas da seca, Nereida Martins (2019) em sua tese de doutorado *Santa Casa Dos Mortos: ritos fúnebres, mortalidade e relações de poder na Paraíba oitocentista* relata sobre a situação em que se encontravam os flagelados "as estradas já estavam tomadas por cadáveres de homens e gado, sobreviventes descarnados lutando por alívio, água e comida" (MARTINS, 2019, p.198) apesar dos esforços para controlar os problemas causados pela longa estiagem, o retrato da fome e da miséria levaram à população ao estado de loucura, é neste período que ocorre a criação da Casa dos Alienados.

Já Wuendisy Fortunato (2020) analisa em sua dissertação de mestrado: *Artes de Curar em Confronto? Disputas, Ofícios e Práticas de Cura na Paraíba Imperial (1870-1880)* sobre a atuação dos curandeiros, barbeiros e boticários, e as atividades realizadas como a prática da sangria ou sanguessugas; os embates sobre os métodos terapêuticos homeopáticos para o tratamento de doenças recorrentes na Província. Além disso, discute sobre o saber médico e a arte de curar, que se tornariam palco de discussões calorosas em diversas edições dos jornais da época.

Serioja Mariano (2020), em seu artigo "*Não há mais grave, mais perigosa, e mais temível*": a sífilis na Província da Parahyba (1860-1880)" chama a atenção pela forma em que a sífilis é representada, a partir dos discursos morais, religiosos e médicos-higienistas, estes últimos, compreendiam o poder do saber médico, associavam aos desejos carnis e ao pecado, este argumento insustentável se fortaleceu com as teorias de contágio e o alto número de doentes não curados que podiam colocar em risco a vida de outras pessoas da Província.

Em sua tese de doutorado intitulada *Educação Pela Higiene: A Invenção de um Modelo Hígido de Educação Escolar Primária na Parahyba do Norte (1849-1886)* Nayana Mariano (2015) faz uma excelente discussão em torno do conceito de *biopolítica* proposto por Foucault e de como esteve relacionado não apenas ao espaço médico, mas também, no processo de escolarização e disciplina; relata ainda sobre os saberes e práticas (parteiras, benzedeadas) e as formações das escolas representadas como um "lugar limpo".

No trabalho de conclusão de curso *Os mortos, a morte e o em tempos de epidemia em tempos de epidemia: O caso da Província da Parahyba do Norte (1850-1860)* Laércio Souza

Júnior (2019), o foco de análise é as representações sobre a morte conforme o cenário epidêmico (de febre amarela e cólera) da época, além dos ritos fúnebres como a prática de “beber o morto”. Além disso, elabora um quadro com os principais cemitérios construídos no séc. XIX na Parahyba, e discute sobre os rituais de despedidas, os costumes religiosos (sacramentos e vigílias), o cuidado com o corpo e a organização dos acessórios ritualísticos.

1.5 RECORTE TEMPORAL, OBJETIVOS E FONTES METODOLÓGICAS

O recorte temporal deste trabalho está situado na década de 1870, na Parahyba do Norte, especialmente os anos de 1877, 1878, 1879 período em que durou a “Grande Seca”. Tendo em vista a relevância do tema, com exceção da obra *A Paraíba e seus Problemas* (1923), ainda é uma lacuna na historiografia tradicional¹⁰ e nas produções acadêmicas. Desse modo, buscamos analisar e discutir sobre os impactos causados no âmbito social, político e econômico nestes três anos seguidos de seca; compreendendo como a atuação médica esteve presente no tratamento dos retirantes, bem como as condições de saúde, higiene, alimentação e trabalho; a atuação e medidas de combate às secas propostas pelo governo imperial.

No que se refere ao mapeamento das principais doenças que acometiam a população desvalida, nos concentramos na análise dos Registros Paroquiais de Óbitos da Igreja Nossa Senhora da Conceição, da Freguesia de Areia (PB), entre 1877 a 1878, a ideia surgiu por meio da leitura dos relatórios dos Presidentes de Província de 1877 e da documentação historiográfica entre os autores: Irineo Joffily (1892), José Américo de Almeida (2012 [1923]), Horácio de Almeida (1980), indicam que os fluxos migratórios dos retirantes deram-se, em maior proporção, para as áreas do Litoral e Brejo Paraibano, assim, tendo em vista a disponibilidade da documentação, optamos pela análise.

Segundo Sandra Pesavento (2005b), o advento da História Cultural, como linha de pesquisa, permite ao historiador um leque de possibilidades ligadas à realidade social e aos conceitos de representação, do conhecimento do sensível, imaginário, narrativo e ficcional; capaz de “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2005b, p. 42).

A proposta do nosso trabalho é espelhada nos objetivos e nas reflexões da História Cultural, conforme acentuou a autora “trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História,

¹⁰ Cabe destacar que as secas são abordadas em pequenos trechos ou sessões na historiografia, e ainda é um tema a parte da história da Paraíba.

recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares” (PESAVENTO, 2005b, p. 118). Assim, procuramos compreender os efeitos da Seca de 1877-79, que levou milhares de pessoas a um estado crítico de desnutrição, de péssimas condições de saúde, culminando no processo de migração forçada, muitas vezes, sem volta.

Para a construção desta análise, além do referencial teórico discutido nos tópicos anteriores sobre a temática, realizamos o processo de levantamento, catalogação, sistematização e consulta das seguintes fontes: a documentação encontrada no Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte (AHWBD), referente ao nosso período de análise, a década de 1870, analisamos as Relações Orçamentárias, as Relações das Comissões de Socorros Públicos, os Ofícios e Relatórios trocados entre médicos, cirurgiões e pelos vigários informando ao Presidente de Província sobre o estado dos hospitais e da população de cada comarca ou freguesia da Parahyba.

Continuando a coleta de dados sobre o tema tratado, analisamos os seguintes jornais¹¹: *O Despertador* (1866-1888), *A Opinião* (1877), *Echo Escolástico* (1877-1878) e *O Liberal Parahybano* (1879-1889). Concordamos com Tânia Regina de Luca (2005) sobre o uso de jornais como fonte de pesquisa, uma vez que “trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa” (2005, p. 140).

Utilizamos também os Relatórios de Presidente de Província da Parahyba do Norte, que nos fornecem algumas informações sobre os impactos da seca no âmbito econômico, privado, hospitalar e dos núcleos coloniais. Já o *Diccionario de medicina popular e das ciencias accessorios para uso das famílias* (1890), do médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, foi utilizado para compreendermos a origem, causa e sintomas de alguns medicamentos homeopáticos e de doenças desconhecidas por nós como a frialdade, sugestões entre outras.

Além disso, descobrimos que parte dos Registros Paroquiais de Óbitos, da Igreja Católica, de alguns municípios da Parahyba, estão disponíveis no site *Family Search*¹². Desse modo, a partir dos dados coletados nos livros, elaboramos um perfil com os principais dados: **1) idade; 2) condição - livres ou escravizados; 3) sexo; 4) moléstia que causou a morte; 5) total de falecidos.**

¹¹Disponíveis no site da Biblioteca Nacional Digital, na área da Hemeroteca Digital (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>); e do CCHLA-UFPB, Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX (<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>).

¹²No total, tivemos acesso aos registros paróquias dos municípios de Araruna, Areia, Bananeiras, Cajazeiras, Cruz do Espírito Santo, Cuité, Mamanguape, Patos, Picuí, Pilar, Pitimbu, Pombal, São João do Cariri, São Miguel de Taipu, Serra da Raiz e Teixeira, entre 1870 a 1879, que nos permitirá novas pesquisas no futuro como uma análise demográfica e nosológica da Parahyba do Norte no século XIX.

A estrutura da monografia está dividida: no segundo capítulo *"Vão morrendo entregues ao mais lamentável estado de desesperação"* - *Contexto, Saúde e Doenças, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição*; buscamos analisar as péssimas condições sanitárias da Cidade da Parahyba, as transformações e manifestações sociais que marcaram a década de 1870, as condições de saúde e as doenças que acometiam os indigentes na Província, a análise da região do Brejo, em especial, a taxa de mortalidade da cidade de Areia e a criação dos núcleos coloniais e as Comissões de Socorros Públicos - as verbas destinadas e a distribuição da chamada "ração" para os flagelados.

Já no terceiro capítulo *"Além de serem inferiores relativamente aos preceitos e leis da higiene: As teorias médicas e a Santa Casa da Misericórdia, e as práticas de cura*; analisamos alguns relatórios e ofícios médicos que tecem uma série de críticas às péssimas condições sanitárias e de higiene pública, a exemplo da Cadeia Municipal; o funcionamento da Santa Casa e a falta de verbas destinadas, além dos métodos de tratamento utilizados por médicos e práticos.

CAPÍTULO II - “VÃO MORRENDO ENTREGUES AO MAIS LAMENTÁVEL ESTADO DE DESESPERAÇÃO – CONTEXTO, SAÚDE E DOENÇAS E A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO”

2.1 O CONTEXTO DA PROVÍNCIA DA PARAHYBA NO SÉC.XIX

Divide-se em cidade alta e baixa ou Varadouro. Nesta é onde se acha concentrado todo o seu comércio, e estão a alfândega, estação da estrada de ferro e cadeia; e naquela, que é mais extensa, estão os palácios do governo e municipalidade, tesouraria de fazenda, mercado público e hospital da Misericórdia (JOFFILY, 1892, p.22).

A descrição acima apresentada por Irineo Joffily, nos revela um pouco da estrutura da cidade da Parahyba do Norte, então capital, no século XIX. Percebemos que há uma diferença entre os dois distritos da cidade, enquanto a primeira representa o centro administrativo com os principais prédios, hospitais e residências, a segunda, caracteriza o comércio, entre eles o matadouro público e as casas da população mais pobre, ambos são vistos como parte integrante do cenário insalubre da Capital: as ruas eram esburacadas, cheias de poeira e lama. Este cenário se tornaria palco de discussões para além dos preceitos higienistas, despertando o interesse das autoridades públicas em "urbanizar e embelezar" os aspectos da urbe através do ordenamento das casas e ruas, bem como a construção de novos prédios públicos, hospitais e cemitérios, e a criação da Inspeção de Higiene Pública que impôs novas normas de higiene e saúde pública.

De acordo com o primeiro Censo de 1872, a Província possuía no total 376.226 habitantes, sendo 21.526 escravizados (as) que representavam a principal mão de obra econômica baseada na produção de açúcar e algodão. No entanto, a partir da década de 1850, com o fim do tráfico internacional e interprovincial de escravizados (as), além das intempéries e das epidemias há uma diminuição no número de cativos intensificando a transição do trabalho escravo pelo livre composto por trabalhadores e imigrantes estrangeiros (ROCHA, 2007).

Já o início do ano de 1870, é marcado pelo fim da Guerra do Paraguai (1864-1870), as discussões em torno das questões abolicionistas mobilizando "advogados, juízes, delegados e muitas outras autoridades davam sinais de apoio à aquisição da liberdade pelos escravizados" (SILVA, 2021, p.142), e a fundação do primeiro Partido Republicano no Rio de Janeiro.

Em outubro de 1874, eclode o movimento político e socioeconômico chamado "Quebra-Quilos" representado, em sua grande maioria, pelo "protagonismo das pessoas livres e pobres,

libertas e escravizadas" (SILVA, 2021, p.93). O estopim da Revolta de 1874, está relacionada diretamente com a queda das rendas provinciais, a alta taxação das mercadorias e a “crise da grande lavoura” enfrentada pela elite paraibana, seriam o reflexo dos problemas a serem pagos pela população com a implantação dos novos tributos sobre a carne seca e a farinha – dois principais produtos da alimentação básica daquela população (ARAÚJO, 2004). Quando relacionamos com o contexto nacional, os grupos que estavam ganhando espaço pertenciam à economia cafeeira do centro-sul, enfraquecendo as elites regionais, além disso, existia a forte concorrência traçada entre o cenário interno e internacional. Os pequenos comerciantes de rua foram os principais afetados pelas medidas impostas como o "imposto de chão" e a adoção do novo sistema métrico francês, além disso, com o decreto da nova lei do recrutamento militar intensificaram as rebeliões e o “quebra-quebra” (LIMA, 2006, p.27-28).

2.2 AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS RETIRANTES E OS PLANOS DE COMBATE ÀS SECAS

Não há presentemente quem ignore o afflictivo e doloroso estado em que jaz o povo d’esta e outras províncias. **Todos estão mais ou menos informados sobre os inauditos horrores e misérias que se veem no interior; todos sabem que muitos de nossos infelizes comprovincianos já têm succumbido aos golpes, é duro disêlo, da fome e da nudez...**

[...] **Vemos o mais horrível dos males devastando a população e ceifando milhares de vidas** necessárias á industria e augmento do paiz – a fome! (ECHO ESCOLASTICO, 19/07/1877, p.1. Grifos nossos).

A edição do dia 19 de agosto de 1877, do Jornal *Echo Escolastico* (1877-1878), marca o primeiro ano da “Grande Seca”, a fisionomia (triste e desolada), a magreza e as doenças que acometiam os retirantes se tornariam frequentes em inúmeras documentações que relatavam sobre o estado dos que chegavam aos arredores da Capital e das demais sub-regiões da Parahyba: “todos os dias chegam motins de pessoas, velhos e crianças caídas de fraqueza e fome” (VILLA DE PATOS, 02/04/1877).

Como apontamos anteriormente no primeiro capítulo, as condições de saúde e higiene da população afetada pela seca de 1877 eram precárias por diversos fatores. Com o aumento do

número de retirantes em cada município e na capital, que recebeu cerca de 35 mil indigentes (ROCHA, 2007), muitos dormiam amontoados, sem cobertores ou roupas limpas, se alimentavam da "ração" (farinha, arroz e carne seca) fornecidas pelo governo que encontrou uma "solução" temporária para abrigar os indigentes foi "quem empregasse os socorridos em trabalhos públicos, como construção de açudes, cadeias, estradas, etc.", o governo também decidiu "buscar o litoral e proximidades desta Capital onde achariam, por seu trabalho, meios de subsistência ou receberam mais facilmente os socorros do Governo" (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1877). No entanto, foi apenas em Campina Grande que conseguiu "reunir alguns, e aplicá-los aos reparos e limpeza dos açudes" (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1877).

A respeito das Comissões de Socorros Públicos de Gêneros Alimentícios, percebemos que há algumas controvérsias em sua distribuição. Ao longo das manchetes do jornal *O Liberal Parahybano* (1879-1889), é indicado a destinação de "1.661 litros de farinha para ração dos retirantes [...] e bem assim às quartas-feiras de cada semana 2.100 litros de farinha e 1.050 kilos de xarque" (O LIBERAL PARAHYBANO, 05/08/1879) para a Cidade de Mamanguape. No entanto, quando analisamos a documentação (cartas e ofícios) enviadas por padres, vigários e médicos das Freguesias/Vilas de Bananeiras, Souza e Piancó percebemos várias contradições: a insuficiência dos gêneros, medicamentos e itens de higiene básica para os retirantes; o atraso no reabastecimento desses gêneros "que não forão recebidos do povo havendo porém falecido e emigrado uns e semi-emigrados [...] durante o longo período de interrupção dos socorros oficiais nesta outras Comarcas do alto sertão [...]", a resposta para esse longo atraso seria "por causa das epidemias mortíferas reinantes no litoral" (COMISSÃO COMARCA DE SOUZA, Juiz de Direito, 13/04/1878).

A distribuição desses gêneros funcionava da seguinte maneira: cada chefe de família possuía um cartão que autorizava o recebimento dos produtos, apenas uma vez por semana, o cartão era utilizado para evitar que a mesma pessoa recebesse mais do que o permitido por semana, além de evitar roubos. A insatisfação com as verbas destinadas pelo governo continuava: "a confiança no governo e mil e outras relações a atraíam, tem não agradao amargas decepções e outras encontrado a morte", a epidemia de varíola trazida pelos retirantes do Mossoró que ali se acomodaram causavam medo "faz se necessário a recurso de vacina para vacinar e revacinar a população ameaçada de uma invasão de varíola reinante no Mossoró" (COMISSÃO COMARCA DE SOUZA, Juiz de Direito, 13/04/1878). Durante esse período, além dos salteadores, os desvios de verbas públicas e a má distribuição/qualidade dos gêneros

de subsistência contribuíram para o aumento do número de mortes vitimadas pela seca, causando a desnutrição e outras doenças contagiosas como a varíola.

A documentação consultada aponta para o impacto causado pela seca e mostra como aumentou o cenário insalubre e epidêmico dentro e fora da Capital, que contava com alguns locais improvisados que forneciam assistência alimentar, como é o caso do saguão do Convento de São Bento, o Quartel de Polícia e o Tesouro Provincial. No que se refere à assistência médica, foram criados o Hospital de Santo Antônio, o principal que atendia às vítimas da seca, e o de Nossa Senhora das Neves, a Enfermaria dos Variolosos, na Cruz do Peixe e outro em Mamanguape (ALMEIDA, 2012, p. 159-160).

Nesse período temos relatos das doenças que acometiam a população da Cidade da Parahyba: há relatos de alguns casos de sarampo e o beribéri, que começaram a despertar preocupação, mesmo com o seu baixo número de vítimas. Enquanto isso, os casos de febre (intermitente, catarrenta) já frequentes continuou a ceifar vidas (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1877). Além disso, havia ainda um possível surto epidêmico de febre amarela e varíola. Esta última, causou inúmeras mortes não só na Capital, mas também nas regiões de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Bananeiras entre outras. Em relatório apresentado pelo 1º vice-presidente de Província, o Dr. José Paulino de Figueiredo afirma que a população da capital “acha-se em sua totalidade vacinada” contra a varíola.

Na Capital, o número de mortos pela varíola chegava a 74 vítimas, como indica o Relatório de 1877, já em 1879, há um aumento de 637 mortes “a maioria era de pessoas vindas de fora que não foram vacinadas (MARIANO, S., 2022, p. 179-180). Em Mamanguape, existiam aproximadamente 400 retirantes “quase nus e combalidos” (ALMEIDA, 2012 [1923], p. 154), como mostra o levantamento do Livro de Entrada e Saída de pacientes do Hospital de São Pedro em Mamanguape¹³, cerca de 212 casos de varíola foram registrados, sendo 121 mulheres, 89 homens e 2 não identificados; a maioria eram crianças e adolescentes entre 1 a 19 anos de idade¹⁴, ao todo foi computado 42 mortes (28 mulheres e 14 homens). Acreditamos que o hospital também desempenhava algumas funções feitas pelo Hospital dos Variolosos, além disso, os enfermos são em grande maioria, retirantes vindos do Seridó, Cajazeiras, Araruna, Alagoa Grande, Mossoró entre outras regiões.

¹³ O livro registra entre as inúmeras causas mortis ocorridas nos meses abril a novembro de 1878 e 1879, apenas os casos de varíola/bexigas. O livro está disponível no site *Family Search* (<https://bit.ly/3Wu6lJE>).

¹⁴ De acordo com Serioja Mariano (2022, p.184), na década de 1890, boa parte do número de mortes pela varíola eram de crianças.

Segundo Serioja Mariano (2022), a respeito da epidemia de varíola, que perdurou entre as décadas de 1870 até meados de 1890, existia uma recusa da população em relação a inoculação do pus variólico, pois “muitos não voltavam para terminar o tratamento, pois temiam ser contaminados, e o pus se estragava” (2022, p. 175), e acabavam recorrendo aos tratamentos terapêuticos compartilhados através de receitas e indicações fornecidas pelo “Conselheiro Prático”. Este “Conselheiro”, trata-se de um curandeiro, de identidade não revelada, que aparecia com certa frequência nas matérias dos jornais parahybanos da época, o tratamento contra a varíola para os adultos consistia em “dietas de mingaus”, além do uso de “sulfureto de cálcio”, podendo ocorrer ainda “a supuração e dissecação” das bexigas, já para as crianças seria utilizado “uma mistura” ou “sulfato de quinino” (p.183-184). Outro ponto interessante levantado pela autora é sobre a importância da divulgação desses manuais, pois “no momento em que a doença se alastrava, era crucial divulgar os tratamentos para evitar uma maior proliferação da varíola” (MARIANO, S., 2022, p. 185).

Com relação ao tratamento homeopático, observamos ainda, em uma edição do jornal *O Liberal Parahybano*¹⁵ (1879-1889), de 28 de agosto de 1879, um ofício enviado pelo Inspetor da Thesouraria da Fazenda para os vigários das Freguesias do Brejo do Cruz e de Piancó recomendando “uma carteira homeopática destinada no tratamento de varíola, que ultimamente se tem desenvolvido naquelas localidades”. Segundo Sidney Chalhoub, as epidemias de varíola na região Norte, estavam relacionadas aos impactos das longas estiagem, chamando até mesmo a atenção de médicos estrangeiros devido a sua forte resistência e ao número de mortes causados (1996, p. 188).

Com relação aos hospitais e abrigos, o Presidente Dr. Esmerino Gomes chama atenção para o estado e abandono do Lazareto Ilha da Restinga, que já atendeu diversos enfermos acometidos de febre amarela e cólera, “jaz em completa ruína” (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1877). Segundo o presidente, a reconstrução do lazareto seria importante para os casos de doenças infectocontagiosas que passariam por uma quarentena, além disso, como o risco de contaminações era alto, o presidente ainda recomendava a “remoção do hospital da Santa Casa de Misericórdia, do centro da Cidade para a casa que foi do Collegio de educandos artifices” (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1877).

Entre as medidas tomadas para receber e acomodar os retirantes está a criação dos Núcleos Coloniais situados em várias Províncias do norte, no caso da Paraíba, entre 1877 a 1880, foram registrados 24 núcleos na capital, 1 em Independência e outros 6 em Mamanguape

¹⁵ Pertencia ao Órgão do Partido Liberal (Direção da Comissão Central do Partido), circulava três dias por semana.

(PARAHYBA DO NORTE, Exposição, 1880). Conforme apontado por José Américo de Almeida, a Província não possuía os recursos necessários para manter a administração de alguns núcleos, conseqüentemente “os retirantes válidos continuavam a ser empregados nas obras de estradas e açudes do interior, sem outro salário que não fosse a esmola oficial” (ALMEIDA, p.167, 2012 [1923]). No Relatório de 01 de março de 1878, o Pres. Dr. Esmerino Gomes aponta as principais obras a serem construídas pelos retirantes:

Quadro I- Obras públicas emergenciais criadas pelos retirantes entre 1878-1879

| CONSTRUÇÕES E REPAROS DE OBRAS PÚBLICAS |
|--|
| Reparo e asseio do Matadouro Público |
| Limpeza e roçagem de lodo o recinto desta Capital |
| Limpeza e roçagem da estrada da rodagem desta Capital á Villa do Pilar e concertos de muitos ianços |
| Concerto do caminho que vai á fonte do Tambiá |
| Construcção de 30 ranchos de palha para abrigo dos retirantes |
| Boçagem. e limpeza da estrada do Grammame até a ponte do mesmo nome |
| Abertura d'um caminho na ladeira da matriz, alargando-o e aterrando-o |
| Arrazamento dos montes de terra existentes no princípio da rua Barão da Passagem |
| Calçamento do 'largo do Thesouro e rua do Barão do Triumpto em bom andamento e da ladeira do Rosario |
| Reparo da estrada de Mandacarú |

Fonte: Quadro elaborado por nós com base nos dados obtidos no Relatório de Presidente de Província, 01 de março de 1878.

Com relação a Comissão de Socorros Públicos, responsável pela distribuição de alimentos e demais itens de consumo pessoal, bem como a construção de estradas, entre outros; ocorria conforme as solicitações encaminhadas pelos vigários, médicos ou juiz de direito das Vilas, Freguesias e Comarcas. O quadro abaixo faz parte de uma relação encaminhada pelo administrador Manuel Bandeira e Mello, do fornecimento enviado pelo Hospital da Guia para o núcleo colonial que não conseguimos identificar o local.

Quadro II – Relação dos principais objetos enviado pelo Hospital da Guia para a Comissão de Socorros Públicos em 1878

| ALIMENTOS/REMÉDIOS | ROUPAS/ITENS DE HIGIENE | EQUIPAMENTOS DE TRABALHO | UTENSÍLIOS DE COZINHA |
|----------------------|-------------------------|--------------------------|-----------------------|
| Barrica com Bacalhau | Camisas p/Homens | Machados/foices | Colheres |
| Farinha Seca | Camisas p/Mulheres | Enxadas | Facas, Garfos |
| Charque | Cobertores de Algodão | Grelhas | Pratos/Tigelas |
| Carteira Homeopática | Camas de Lona | Lampiões | Canecas/Copos |
| Caixas com Remédios | Caixas com Sabões | Transporte | Bacias |
| Hunções | Travesseiros | Picaretas | Açucareira |

Fonte: Quadro elaborado e adaptado por nós, de acordo com as informações obtidas da “Relação dos principais objetos enviado pelo Hospital da Guia para a Comissão de Socorros Públicos em 1878” (Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx. 061-B, 04/12/1879).

Em 1879, o 2º vice-presidente, o Padre Felipe Benício Galvão, chamava atenção principalmente para a situação dos retirantes na Capital, uma possibilidade a ser levantada por nós sobre esse destaque seria em razão não só dos preceitos de higiene e salubridade pública, mas também, pela importância que tem por se tratar de uma Capital da Província e de como ela estaria representada, ou seja, pela superlotação de retirantes em seu pior estado de saúde e higiene, que não era compatível com a estética urbana-moderna daquela época. Vejamos os apontamentos feitos pelo padre a respeito da Capital:

[...]ninguém ignora quaes as necessidades que passam essas famílias desvalidas através desses caminhos, ingerindo frutos e raízes bravias, águas insalubres e carregando, a pé, crianças sob o calor ardente da seca.

Vê-se, pois, que essa aglomeração do povo que aqui existe já com a saúde mais ou menos deteriorada, fora de seus hábitos, sem agasalho, sem commodos, sem alimentação regular, sem roupas, **será ainda a causa do desenvolvimento de moléstias, até que seja retirada completamente do seio desta cidade essa população adventícia e ociosa,** proporcionando-se-lhe meios de trabalho na factura de estradas e no plantio á que se deverá entregar em nucleos coloniaes (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1879, p.12. Grifos nossos)

Conforme as chuvas aparecia, em pequenas proporções, entre os meses de janeiro e fevereiro, possibilitou o regresso de muitos retirantes, enquanto em outros lugares do alto sertão “as esperanças estão completamente perdidas” (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1879, p.23-24). Durante o período da seca, essa região sofreu inúmeras consequências econômicas

"contra esses diversos grupos de salteadores que infestam o alto sertão, o afrontando com energia e denodo as suas iras" (O LIBERAL PARAHYBANO, 29/07/1879). Conforme Albuquerque Jr. (1988), a crise econômica afetava todas as classes, os comerciantes, que já sofriam com as ameaças de saques de mercadorias feitas por grupos de assaltantes, preocupavam-se com a perda de todo o lucro das mercadorias, uma vez que existiam apenas retirantes famintos sem condições que recorriam ao governo local para serem "beneficiados através da compra de suas mercadorias com as verbas de socorros públicos" (ALBUQUERQUE JR, 1988, p.67).

2.3 O BREJO E A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

O processo migratório dos retirantes dentro e fora da Província da Parahyba ocorreu de forma intensa, uns partiam para o Mossoró, enquanto os desvalidos de lá buscavam refúgio nos municípios parahybanos e vice-versa. De acordo com José Américo de Almeida (2012 [1923], p.111-113), na área litoral, o município de Mamanguape, obtinha mais chuvas do que a Capital; enquanto os municípios de Areia, Serraria, Alagoa Nova e Bananeiras, do Brejo Parahybano, são os mais chuvosos e "cobertos de vegetação e caroável de umidade" (ALMEIDA, 2012 [1923], p.114). Já o Cariri e o Vale do Curimataú são as regiões mais secas.

O movimento migratório dentro da Província deu-se da seguinte forma: [...] "a afluência de emigrantes do alto sertão e dos Brejos, os quais, de preferência, são escolhidos para o seu estabelecimento provisório, algumas Comarcas do litoral, principalmente nesta Capital" (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1878, p.10). O Presidente da Província, Dr. Esmerino Gomes, em seu relatório datado de 12 de agosto de 1877, propõe à Assembleia Legislativa "[...] no intuito de evitarem os últimos resultados da seca que devasta os sertões, tomaram os criadores a deliberação de retirar os seus gados d'alli para os terrenos agrícolas e férteis dos Brejos [...]" o que ajudaria a manter a produção agropecuária ativa (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 12/08/1877).

Como a seca afetava todas as partes da Província, que aos poucos não conseguia manter todos os migrantes, os grandes proprietários das zonas agrícolas desesperados começaram a vender "os seus gados nas feiras com prejuízos enormes para evitarem perdas totais" (A OPINIÃO, 06/05/1877 *apud* ALMEIDA, 2012 [1923]), em outros casos "o pouco gado que podia escapar vai sendo devorado pelos ladrões" (A OPINIÃO, 27/06/1877). Além disso, apesar do aumento da distribuição de alimentos que consistia em farinha, feijão, milho e arroz, disponibilizados pelo governo aos flagelados, ainda era comum encontrar "algumas pessoas

pelo estado de abatimento em que têm recebido algum alimento" (A OPINIÃO, 06/05/1877 *apud* ALMEIDA, 2012 [1923]).

Horácio de Almeida, em seu livro *Brejo de Areia: memórias de um município* (1980), buscou compreender em seu lugar de origem, os principais fatores econômicos e sociais, e os fenômenos físicos das "terras do Brejo" e do "homem da terra", dedicando uma seção sobre os flagelos ocorridos na cidade de Areia, o autor cita a má administração da Província e a falta de recursos orçamentários para a manutenção das obras e dos serviços essenciais como alimentação, saúde e instrução pública. Relata ainda que durante a Seca de 1845, na busca pela sobrevivência, muitas famílias do Seridó e do Sertão migraram para as regiões do Brejo e Litoral. A situação se agravou com a "Grande Seca de 1877", e o município de Areia foi responsável por receber aproximadamente 25 mil migrantes, apesar da alta taxa de mortalidade, a cidade não possuía assistência médica suficiente, fato que iria se agravar anos depois com as secas de 1888 e 1904, em que ocorreu um surto de febre amarela. Segundo o autor, o cenário da seca só obteve melhorias a partir da atuação do então Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida.

Diante das considerações feitas acima por Horácio de Almeida, optamos por analisar as principais *causa mortis* no Brejo Paraibano¹⁶, especificamente em Areia, pela disponibilidade da documentação encontrada, nos registros de mortes dos anos de 1877, 1878 e 1879. Através do Recenseamento de 1872, a população areiense era de 25.549, e teria recebido na seca de 1877-79, mais 25 mil migrantes. Como pontuou José Américo (2012 [1923]), a região do Brejo é privilegiada, mesmo em uma quantidade pequena, pelas chuvas em tempos de seca, se compararmos à Capital, por exemplo, isso nos levar a crer que seria um dos motivos para receber e abrigar os retirantes. Além disso, há uma concentração maior de documentações e relatos em torno da Capital por ser a principal sede de controle e administração do governo provincial local, dos hospitais emergenciais criados e da Santa Casa, que atendia toda a população desvalida.

Ao observamos o Quadro III abaixo, vemos que no total encontrado entre o início do mês de janeiro de 1877 à fevereiro¹⁷ de 1879 foi de aproximadamente 2.037 mortes (1.145 do

¹⁶ Não nos foi possível ter acesso a documentação sobre os registros paróquias das igrejas localizadas na Capital da Parahyba, por questões técnicas (de manutenção e restauração dos arquivos), mas há dados no Relatório de Presidente de Província de 1879, que aponta a taxa de mortalidade somente na capital e entre os meses de março à novembro foi de aproximadamente 9.310 óbitos, mas não especifica quais as doenças que acometiam aquela população.

¹⁷ O livro de Registros de óbitos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição não registra as demais mortes ocorridas ao longo do ano de 1879, uma das possibilidades levantadas por nós é devido a redução da taxa de mortalidade, já que as demais folhas do livro são pertencentes aos registros batismo.

sexo masculino; 877 do sexo feminino, e 15 não identificados) composta em sua maioria por retirantes, já que os locais de origem dessas vítimas apontam para outros municípios da Paraíba e para as Províncias do Ceará e Rio Grande do Norte, além disso, há uma ênfase em torno das vítimas vindas de outros lugares classificadas como “família emigrada do Sertão”, “retirantes do Mossoró”, “retirantes do Ceará”, “do Catolé do Rocha”, “emigrada do Seridó”, “desvalidos de Souza” entre outros. Com relação a condição jurídica, foi possível identificarmos 8 escravizados e 3 libertos do sexo masculino e 4 mulheres escravizadas.

Quadro III – Causa Mortis da população do município de Areia (PB) durante a “Grande Seca de 1877-1879”

| CAUSA MORTIS | SEXO | | | TOTAL |
|------------------------------|-------|------|-----|-------|
| | MASC. | FEM. | N/I | |
| Febres | 294 | 225 | 3 | 522 |
| Espasmos | 155 | 125 | 1 | 281 |
| Fome | 137 | 89 | - | 226 |
| Inchação | 95 | 83 | - | 178 |
| Hydropesia/Anasarca | 77 | 53 | - | 130 |
| Desintéria/Câmaras de Sangue | 59 | 46 | - | 105 |
| Diarreia | 44 | 54 | - | 98 |
| Moléstias | 55 | 33 | 2 | 90 |
| Outras | 52 | 35 | - | 87 |
| Não Identificadas | 38 | 20 | 8 | 66 |
| Inflamações | 18 | 14 | - | 32 |
| Dentição | 10 | 9 | - | 19 |
| Constipação | 10 | 8 | - | 18 |
| Jatos de sangue | 8 | 8 | - | 16 |
| Coqueluche | 7 | 7 | - | 14 |
| Parto | - | 14 | - | 14 |
| Tosse | 7 | 6 | - | 13 |
| Indigestão | 10 | 3 | - | 13 |
| Vermes | 7 | 5 | - | 12 |
| Sarampo | 8 | 4 | - | 12 |
| Amarelidão | 7 | 4 | - | 11 |

| | | | | |
|-------------|--------------|------------|-----------|--------------|
| Tumor | 6 | 4 | - | 10 |
| Estupor | 3 | 6 | - | 9 |
| Congestão | 4 | 4 | 1 | 9 |
| Tísica | 7 | 1 | - | 8 |
| Convulsão | 3 | 4 | - | 7 |
| Sarnas | 7 | - | - | 7 |
| Reumatismo | 3 | 4 | - | 7 |
| Paralisia | 2 | 5 | - | 7 |
| Úlcera | 3 | 3 | - | 6 |
| Apoplexia | 4 | 1 | - | 5 |
| Garrotilho | 5 | - | - | 5 |
| SOMA | 1.145 | 877 | 15 | 2.037 |

Fonte: Quadro elaborado por nós a partir dos dados encontrados no Livro de Registros de Óbitos da Paroquia de Nossa Senhora da Conceição em Areia (PB), entre os anos de 1877-1879. (Family Search). Disponível em: <https://bit.ly/3Wu6lJE>.

Na documentação consultada, a *causa mortis* de maior incidência foram as “febres”¹⁸ causando um impacto de 522 mortes, muitas delas eram classificadas apenas como “febres”, outras registradas se dividem em “intermitentes” e “malignas”, podendo haver outros tipos como contínuas, remitentes, amarela, tifoide, entre outras¹⁹. As principais vítimas eram recém-nascidos com menos de 30 dias de vida e crianças menores de 5 anos. Outra taxa de mortalidade infantil foi em decorrência dos espasmos, classificados como uma “contração involuntária” (CHERNOVIZ, 1890, p.1028), ocupa o segundo lugar do número de mortos, afetava, em maior proporção, os recém-nascidos com apenas 1 ou 12 horas de vidas, a média geral é representada por crianças com menos de 1 ano de idade, esse fator também é comprovado na análise feita por Dayane Dias (2019, p.188) sobre a Freguesia de São José em Fortaleza/CE, a autora constatou que a maioria das vítimas eram crianças indigentes entre 1 a 9 anos de idade.

Oscar de Castro (1945, p.260) cita outras doenças que acometiam as crianças como a “dentição, espasmos, garrotilho, lombrigas, ataque de bichas”, além dos novos casos que surgiam como “a coqueluche, a difteria, a tuberculose, o sarampo e principalmente com os distúrbios nutritivos”.

¹⁸ A febre não é classificada como uma doença, e sim, como um sintoma ou sinal de alerta sobre a alta temperatura corporal.

¹⁹ Chernoviz (1890, p.1087) destacou os diversos tipos de febres existentes no Brasil.

Outra *causa mortis* que nos chama atenção está relacionada a fome, a falta de nutrientes básicos na alimentação, o que pode ser observado na quantidade de crianças que foram á óbito: 39 mortos com menos de 1 ano de idade; 101 mortos entre 1 a 4 anos; e 48 com 5 a 9 anos. Isso se reflete nas justificativas dos retirantes que migravam para outras localidades, principalmente para as capitais. Um dos objetivos dessas pessoas que migravam para as Províncias e cidades vizinhas eram em busca de água e alimentos, mas em períodos de longas estiagens estes recursos fornecidos pelo governo se tornavam escassos, e muitas vezes, a "ração" consistia em uma dieta pobre em nutrientes e vitaminas, além de serem distribuídas em pequena quantidade, ou seja, as dificuldades no abastecimento desses recursos agravavam as condições de saúde dos retirantes, levando ao aumento da desnutrição e desidratação, e conseqüentemente, à morte.

Podemos considerar que as mortes por inchação, hydropesia e anasarca estão correlacionadas entre si, por causar um excesso de inchação em todo o corpo, proveniente de alguma infecção no “no coração, dos rins, do fígado ou baço” (CHERNOVIZ, 1890, p. 152). A anasarca ainda resulta nas febres intermitentes, e o principal tratamento é feito com base no sulfato de quinina ou da própria “quina”²⁰.

Já as diarreias, desinterias ou câmaras de sangue possuíam os mesmos sintomas, a diferença entre uma e outra estava na presença de “sangue nas evacuações”, ao todo, somavam 203 mortes. Entre as hipóteses levantadas por nós, acreditamos que devido ao clima quente, a má qualidade dos alimentos ou a ingestão indevida de alguma planta tóxica seriam alguns dos fatores que contribuíssem para a proliferação dessas inflamações do trato gastrointestinal.

Outra consequência seria a falta de água potável, uma vez que, a Província Parahyba e várias outras, não possuíam um controle dos serviços de saneamento básico, apenas no final do século XIX e início do XX que ocorreriam essas mudanças. Era comum, na documentação do século XIX, como nas rendas orçamentárias, solicitações referentes a implementação de um sistema de água potável em algumas cidades parahybanas, como é o caso da cidade de Mamanguape, que em 1876, recebeu a autorização da Repartição de Obras Públicas para a instalação do encanamento de água potável; havendo ainda outras solicitações para as regiões do Sertão (REPARTIÇÃO, 1876, APWBD).

Identificamos ainda outras 87 *causa mortis*: como icterícia (5); queimaduras (5) aneurisma (4); pleurite (4); opilação (3), sífilis (3); bronquite (3); sezões (3); varíola (2). Quando observamos a *causa mortis* de outras vilas/freguesias, notamos que há um resultado parecido com a nossa análise, como mostra o levantamento feito por Rosimeire Silva (2021)

²⁰ Ibidem.

sobre os registros de óbitos da Vila de São João do Rio do Peixe (PB), entre as décadas de 1870 e 1880, a febre maligna, espasmo, estupor, moléstia, hidropisia e garrotilho foram as que mais acometiam essa população (SILVA, 2021, p. 41-42).

Essas doenças e as *causa-mortis* analisadas até aqui, vão aparecer, novamente, já no Período Republicano, durante as secas de 1903-1904, como destacou José Américo de Almeida (2012 [1923], p. 184) “os brejos sufocavam na pleura da população [...] as febres e as câmaras de sangue tiveram um assombroso surto epidêmico”.

CAPÍTULO III- “ALÉM DE SEREM INFERIORES RELATIVAMENTE AOS PRECEITOS E LEIS DA HIGIENE”

Como já foi comentado no capítulo anterior, no século XIX, o cenário insalubre das cidades e as condições de vida da população eram palcos de grandes discussões e transformações urbanas relativas ao plano estético e higiênico europeu. Neste momento, as teorias médicas eram a principal base de intervenção, saneamento e reorganização das cidades, cortiços, prédios entre outros; existiam três elementos que constituíam os discursos e preceitos higiênicos da época - água, ar e terra (COSTA, 2004, p.59).

Ao analisar os aspectos e as representações das cidades brasileiras, a historiadora Sandra Pesavento (2002a) percebeu que o processo de modernização do Rio de Janeiro e Porto Alegre, e posteriormente das demais cidades, seriam influenciadas pelo “modelo parisiense” com seu “emblema do conceito de metrópole, a tal ponto que a enunciação mágica do seu nome faz com que se evoque todo o processo mais amplo que comporta e configura a “grande cidade” (PESAVENTO, 2002a, p.24). Não apenas a urbe seria modificada, mas também, higienizada conforme analisou Chalhoub (1996), com as remoções dos cortiços e outras habitações consideradas impróprias aos preceitos da higiene que “buscava-se eliminar da vista a pobreza, que por convicção da elite, era suja e perigosa.” (PESAVENTO, 2002a, p.176).

3.1 AS TEORIAS MÉDICAS E A SANTA CASA DA MISÉRICÓRDIA

A Província da Parahyba, na segunda metade dos Oitocentos, contou com aproximadamente, 21 médicos, sendo 12 formados nas principais instituições médicas da Bahia e Rio de Janeiro, 1 licenciado e 2 estrangeiros (MARIANO, N., 2015, p. 90-95)²¹. Em relação aos hospitais, a Santa Casa da Misericórdia, localizada no centro da cidade, era a principal responsável pela assistência prestada aos enfermos sejam eles pobres, escravizados, livres, estrangeiros, além dos soldados pertencentes ao Corpo da Polícia. Por se tratar de um hospital da caridade, é comum que atendam um número superior à sua capacidade, entretanto, as documentações analisadas, relatam outros problemas como a falta de estrutura, equipamentos, médicos e enfermeiros, destinação de verbas orçamentárias que acabavam prejudicando o funcionamento e o tratamento dos doentes. Além disso, como mencionamos, em 1877, foram criados dois hospitais: o Nossa Senhora das Neves e o dos Variolosos ambos atendiam os

²¹ Nayana Mariano (2015, p.90-95) elabora um quadro com os principais médicos atuantes na segunda metade do século XIX na Província da Parahyba.

desvalidos da seca e tratavam de doenças mais graves como as infectocontagiosas (CASTRO, 1945, p.355).

No dia 10 de Julho de 1877, o médico Antônio da Cruz Cordeiro²², cirurgião-mor da Província, conhecido por sua produção literária acerca das prescrições médicas contra o *cólera morbus*, nos relatos sobre a Guerra do Paraguai e as contribuições sobre a instrução sanitária (MARIANO, S., 2015), enviou um extenso ofício para o presidente da Província, o Sr. Esmerino Gomes Parente, expondo a situação da Santa Casa e da atuação dos médico-cirúrgicos, realizado com "zelo e pontualidade", além de tecer algumas críticas sobre o estado insalubre e anti-higiênico da Cadeia Municipal.

O movimento dos doentes recolhidos **ao Hospital da Santa Casa já foi muito maior do que nestes últimos meses**. Não é que haja repugnância da parte dos desvalidos a procurarem neste abrigo e aliviar as suas dores; mas é pela simples razão de serem hoje menores os seus recursos pecuniários e ver-se-o digno Provedor na contingência de receber menos doentes, de conformidade com as forças do estabelecimento (OFFICIO N°674, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, Cx. 061-B, 10/07/1877. Grifos nossos).

De acordo com o médico, o Hospital não possuía condições suficientes de atender todos os enfermos, esse assunto foi discutido e resolvido pela Assembleia Provincial, que entendeu ser conveniente reduzir a ordem orçamentária anualmente destinada à Santa Casa "o que dá lugar a muitas faltas que não se podem remediar". Em relação a diminuição desta verba, esse é um tema recorrente na história do hospital, a situação durante a epidemia de *cólera morbus*, não era diferente.

Isto dificultava não só o seu funcionamento, mas também, os preceitos da "boa higiene" das enfermarias e cômodos da Santa Casa, outra preocupação era com a "falta de móveis e utensílios próprios, de repetidas caiaderas de lavagens", que além de demandar despesas de manutenção por seu uso recorrente eram destruídos devido à má utilização por parte dos "doentes proletários". A respeito do estado de saúde desses enfermos, pobres e desvalidos, segundo o médico Antônio Cordeiro: "acham-se já estragados por uma vida irregular, saturadas de vírus mórbidos, de ulcerações e moléstias chronicas, que se tornam rebeldes às vezes ao mais enérgico tratamento médico-cirúrgico" (PARAHYBA DO NORTE, Officio, 1877); outras doenças recorrentes, apontadas pelo médico, são as phthisicas (tuberculose) e as afecções (alterações) pulmonares classificadas tanto "como vulgar, como de perigosa pelos seus efeitos".

²² Antônio da Cruz Cordeiro possuía uma carreira intelectual e política sendo eleito em três legislatura para o cargo de Deputado Provincial; assumiu diversas administrações como a do Hospital da Misericórdia (MARIANO, 2015, p. 300).

O alto fluxo de pacientes e os diversos tratamentos que eram realizados evidenciam a importância da Santa Casa, para termos uma noção do seu papel não só na Parahyba, mas em outras regiões, como é o caso da análise do movimento de escravizados no Hospital da Santa da Bahia, entre 1824 e 1851, foram atendidos cerca de 30 mil enfermos, segundo as autoras Maria Barreto e Tânia Pimenta (2013) às doenças respiratórias “com ênfase para bronquites e pneumonia, figuram no rol das doenças longitudinais (endêmicas e crônicas) e, por vezes, ganhavam a forma epidêmica, como a epidemia de catarro brônquico, em 1842, e da coqueluche, em 1844” (BARRETO; PIMENTA, 2013, p. 86-87).

Entre os anos de 1860 e 1880, os casos de sífilis, doença infectocontagiosa transmitida por meio do ato sexual, na Província, causavam medo e espanto na população, os médicos classificavam como mais um "problema sanitário e moral" nas palavras do Inspetor de Saúde Pública, o médico Inocêncio Poggi, acreditava que as casas de prostituição eram os principais focos de proliferação da doença e deveriam ser inspecionadas frequentemente pelo poder público (MARIANO, S., 2020, p.265-266).

No contexto da seca de 1877, acreditava-se que esses casos poderiam aumentar conforme o processo migratório para à capital e demais regiões; o médico Abdon Milanez²³ afirmava que era "associada à lepra, outra doença “assustadora” e, de certa maneira, dos excluídos (pobres, escravizados, prostitutas)" (MARIANO, S., 2020, p.268). Em 1877, o Dr. Cruz Cordeiro chamava a atenção para os casos de sífilis nas enfermarias e suas possíveis consequências, afirma ainda que a transmissão e propagação da sífilis dava-se em razão do número de tripulantes dos navios estrangeiros, que desembarcavam no porto, e buscavam atendimento na Santa Casa.

As moléstias sífilíticas, que se manifestam nos doentes ali recolhidos são ordinariamente hemorragias, gonorreias., úlceras, cancro, bubões, phymoses, reumatismos, dores osteocópos, estreitamento de uretra, sugestões e tumores fistulares.

Em ambas as serpas, a sífilis inveteradamente sempre aos mais bem combinados tratamentos, e quase sempre os indivíduos dela assim afetados sucumbem de aflição pulmonar ou por caxumba e causa inflamação, principalmente as mulheres que sentem-se complicadas de affecções uterinas e de todo aparelho genito-urinário (OFFICIO N°674, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, Cx. 061-B, 10/07/1877. **Grifos nossos**).

O Dr. Antônio da Cruz Cordeiro ainda afirmava que os "indigentes sífilíticos", "os loucos", os variolosos e os demais “contagiosos” recebiam tratamento apenas no térreo da Santa Casa, local que possuía maior segurança em relação à área superior do prédio. Seguindo os

²³ Abdon Felinto Milanez, natural de Areia (PB), ocupou o cargo de clínico, Inspetor de Saúde Pública, deputado provincial e senador (MARIANO, 2015, p.92)

moldes da higiene, como as “[...] desinfecções, limpezas domiciliares, inspeções alimentares” (CASTRO, 1945, p. 244), o médico criticava o estado do dormitório, destinado aos loucos, "não oferecem cômodos para seu regular tratamento, além de serem inferiores relativamente aos preceitos e leis da higiene" (OFFICIO N°674, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, Cx. 061-B, 10/07/1877).

Em meio a esse contexto, Nereida Martins (2019) afirma que os "discursos de higienistas, filantrópicos, utilitaristas" além de ganhar força entre os populares, representam o imaginário da morte e do medo, que de acordo com a autora, entre 1878 e 1879, cerca de 2.047 indigentes deram entrada na Santa Casa, chegando ao total de 2.968 nos três anos seguidos da Seca.

Com relação às cirurgias (de alto e baixo risco), realizadas pelos médicos Antônio da Cruz Cordeiro e Abdon Felinto Milanez, que atuavam na Santa Casa durante o período da Seca de 1877-79, os equipamentos cirúrgicos eram precários e insuficientes, pois "falta-nos ali absolutamente bons aparelhos e talas modernas graduadas, entretanto tudo se foi com os cursos de que dispomos", e contavam apenas com um "estojo cirúrgico portátil e lancetas", na maioria dos casos, "nos servimos diariamente dos nossos estojos particulares" (OFFICIO N°674, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, Cx. 061-B, 10/07/1877). Os tipos de operações citadas pelo médico estão expostos no quadro abaixo.

QUADRO IV- Principais operações realizadas pelos médicos Antônio da Cruz Cordeiro e Abdon Felinto Milanez na Santa Casa da Misericórdia na Década de 1870

| OPERAÇÕES DE ALTO RISCO | OPERAÇÕES DE BAIXO RISCO |
|--------------------------------|---------------------------------|
| Amputações | Dilatações de Abscesso |
| Punções de Hidrocele | Incisões de Panarícios |
| Paracenteses | Incisões de Vegetações |
| Redução de Luxações diversas | Cauterizações |
| Extirpação de Lipomas | Aparelhos de Talas nas Fraturas |
| Remoção de Tumores | Circuncisão |
| Extração de Projéteis | - |

Fonte: Quadro elaborado e adaptado por nós com base no Ofício de número 674, apresentado pelo Dr. Antônio da Cruz Cordeiro, cirurgião-mor da Santa Casa, ao Pres. De Provincia Esmerino Gomes Parente, em 10 de julho de 1877. (OFFICIO N°674, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, Cx. 061-B, 10/07/1877).

O problema com a falta de verbas para atender o alto número de enfermos se agravou ainda mais, no ano seguinte, segundo consta na documentação enviada pelo Presidente de Província, em 1º de Março de 1878, no Relatório passado ao 1º vice-presidente, que além de chamar atenção para a falta de "um estabelecimento próprio para ser recolhida e tratada em suas enfermidades a população adventícia, que, extenuada de fome e miséria, procurava n'ella abrigar-se [...]" permitiu ao Provedor da Santa Casa de Misericórdia "receber e tratar no hospital do mesmo estabelecimento os doentes emigrantes, que, com guia de qualquer dos membros da comissão central de soccorros se lhe apresentassem, reclamando este socorro" (PARAHYBA DO NORTE, Relatório, 1878, p.13).

A segunda parte do ofício, enviado pelo médico Cruz Cordeiro, está relacionada ao estado insalubre da Cadeia Municipal e dos pântanos ao seu redor. Para começar a análise, precisamos entender o conceito higienista defendido e aplicado pelos médicos do século XVIII-XIX. Segundo Nayana Mariano (2015), existia uma forte influência do modelo higienista francês tanto no planejamento urbano como nas teorias médicas da Parahyba durante o século XIX. Ao traçar um paralelo com as normas de higiene impostas na França, a autora afirma que na Província da Parahyba, a situação das áreas "possuidora de pântanos, mangues, charcos, [...], a disposição do lixo, o escoamento das águas, os alimentos que consumia e comprava nas feiras, [...]" (2015, p.83) foram algumas das situações que intensificaram o processo de regulamentação e ordenação, tornando alvos de duras críticas que contribuiu para a criação de novas legislaturas/decretos e inspeções expondo as novas normas a serem impostas no principal matadouro, e nos açougues e peixarias da cidade, consistia ainda numa "ciência a serviço do progresso" (p.83). Os costumes e o cotidiano da população também deveriam ser observados e controlados, uma vez que, o corpo social também era visto como parte da higienização e medicalização, servindo ainda como parte do discurso das elites políticas da época (2015, p.99).

Acreditava-se que a propagação dessas doenças estavam relacionadas às teorias miasmáticas, ou seja, devido ao ambiente insalubre, o mau odor dos cadáveres humanos ou de animais, os dejetos dos rios e pântanos ou através de qualquer outra substância em decomposição. Entre as demais medidas, como aponta Laércio Júnior (2020), ao analisar as representações e interpretações sobre a morte na Parahyba Oitocentista, afirma que os cemitérios faziam parte da representação social da morte, pois, além de combater a insalubridade das capelas, que serviam anteriormente como cemitérios, garantiam a chamada "boa morte". É importante destacar que os efeitos da seca de 1877 causaram a superlotação desses cemitérios, a exemplo, do Senhor da Boa Sentença, que já estava com capacidade

esgotada para a realização das inumações, o que resultou na transferência para o anexo da Cruz do Peixe (ALMEIDA, 2012 [2023], p.161).

Apesar dessas mudanças apresentadas, o Dr. Antônio da Cruz Cordeiro ainda apontava uma série de medidas insalubres ao lado da Cadeia Pública:

Pelo lado do norte a Cadeia é cercada de pantanal, onde se acumulam detritos vegetais em putrefação, cujas emanções deletérias muito devem contribuir para o desenvolvimento das febres, obstruções e anemias, que ali reinam atacam de em grande escala os infelizes que vivem incurados nas prisões em constante aglomeração e na ausência de todo o regime higiênico, como por vezes tenho manifestado aos Excelentíssimo Delegado Chefe de Polícia em épocas diferentes (OFFICIO, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, CX. 061(B), 1877. Grifos nossos).

O médico, responsável pela enfermaria da Cadeia Pública, afirmava que boa parte das doenças acometidas pelos enfermos estavam relacionadas as péssimas condições de salubridade devido ao local “abaixo de uma ribanceira” em que estava inserida a Cadeia, além disso, durante o inverno as águas deixavam o solo úmido, o que era propício para o desenvolvimento de doenças já que “as lajes de pedra, de que são calçadas todas as prisões que estão situadas no nível do solo”. Já em relação ao período de verão ou de seca, como é o caso, “é devido a evaporação ativa das águas estagnadas dos pântanos”²⁴. O médico também explicava que essas condições criavam “detritos vegetais de que se acham essas águas impregnadas servem de matéria prima **ao desenvolvimento de miasmas** [...], ocasionando “as matérias orgânicas nelas misturadas e retidas” (OFFICIO N°674, ARQUIVO PÚBLICO WALDEMAR BISPO DUARTE, Cx. 061-B, 10/07/1877. Grifos nossos).

As críticas feitas pelo médico Dr. Cruz Cordeiro são bastante extensas, para ele, são diversos fatores que intensificavam o estado de insalubridade, que vão desde a mistura de água salgada com a doce nas marés “que é ainda pior no pensar dos higienistas”, somado aos inúmeros animais em decomposição já em estado de fermentação formados tanto nas marés como nas ribas do pântano “desprendem eflúvios e gases deletérios de hidrogênio carbonado, de ácido sulfúrico, cujas emanções pútridas são pior de mais nocivas à saúde”, o que aumentaria as chances de propagação e contágio. De acordo com o médico Chernoviz²⁵ (1890, p. 676-677), as formas de contágio davam-se através do contato direto com os doentes ou por meio de objetos contaminados. No entanto, o Dr. Cruz Cordeiro, afirma que os meios de solução

²⁴ Ibidem

²⁵ Pedro L. Napoleão Chernoviz (1812-1881) foi um médico polonês que emigrou para o Brasil em 1840, e publicou duas obras famosas: *Formulário ou guia médico* (1841) e *Dicionário de medicina popular* (1890) sobre as práticas e saberes médicos a partir das práticas terapêuticas, as plantas medicinais entre outras.

são incapacitados, já que era impossível a remoção da Cadeia, e muitos menos, a adoção de um sistema de dissecação dos pântanos. Para Sidney Chalhoub (1996, p.171), as teses médicas e “os debates entre médicos contagionistas e infeccionistas eram constitutivos do processo histórico mais amplo de transformações sociais e econômicas pelas quais passava o mundo ocidental no período”, o que reforçava ainda mais o discurso médico dessa época.

Por fim, o Dr. Cruz Cordeiro aponta sobre as péssimas condições internas da Cadeia, como a “caiadura” das paredes, a superlotação das celas, a falta de cobertores, camas e roupas limpas que os deixavam com uma “feição doentia”, além de não haver ventilação e “expostos no resfriamento assim como as constipações e outras moléstias como febres, obstruções, anemias, bronchites [...] parecem doentes pelas cores macilentas e pelo definhamento que apresentam²⁶”. Outro apontamento feito pelo médico, são as frutas que estavam localizadas no pátio da enfermaria da Cadeia, eram “[...] substanciais nocivos aos seus procedimentos crônicos e que muito contribuem para agrava-los, dando origem a outros males”²⁷. Essas seriam uma das principais medidas apontadas pelo médico para combater as péssimas condições higiênico-sanitárias e para evitar outras doenças.

3.2 AS PRÁTICAS DE CURA

Com relação as artes de curar na Província da Parahyba, as pesquisadoras Nayana Mariano e Serioja Mariano (2022), analisam a relação entre um enfermo com um prático terapêutico. O prático se utilizava do tratamento homeopático no processo de cura, o que acabou desencadeando uma série de discussões nas edições dos jornais que circulavam na década de 1850, tal prática era denunciada pelos médicos como sendo "curandeirismo e "charlatanismo". As autoras citam ainda que a homeopatia, no período estudado, era exercida, na grande maioria das vezes, por pessoas comuns como: vigários, professores, entre outros profissionais, sem especialização na área médica, e apontam como essa prática foi ganhando, aos poucos, espaço nas manchetes dos jornais parahybanos. Nos periódicos, os homeopatas indicavam alguns métodos/instruções de cura para os enfermos vitimados, principalmente, pelas epidemias de febre amarela (1850) e de cólera (1856), além disso, distribuía "medicamentos gratuitos e ganhando, cada vez mais, a confiança e adesão da população mais pobre" (2021, p.250). Já no segundo surto de cólera, em 1862, muitos homeopáticos foram acusados de agravar, mais ainda, a saúde dos enfermos, segundo os médicos alopatas daquele período.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

Como apontou Betânia Figueiredo (2002), os ofícios em torno das artes de curar, exercidos por curandeiros, cirurgiões-barbeiros, sangradores eram procurados por pessoas pobres e ricas para tratar dos problemas de saúde mais graves até a segunda metade do século XIX, já que na “década de 80 a legislação passa a ser mais rigorosa com aqueles que exerciam a profissão sem ter o diploma legal” (FIGUEIREDO, 2002, p.199). Desse modo, percebemos que conforme os tratamentos terapêuticos se intensificavam era necessário, segundo o discurso médico da época, criminalizar e denunciar tais práticas, pois, entravam em confronto com o saber médico-institucional da época, além de serem “realizadas por curiosos ou por aqueles que, por proximidade de ofício, aventuravam-se a cuidar da saúde alheia” (2002, p.152-153).

Outros debates a respeito das duas formas de tratamento médico, foram surgindo nas edições de 25 e 27 de junho de 1877, do jornal *O Despertador*, e na edição de 22 de julho, do jornal *A Opinião*, os médicos Dr. Antônio da Cruz Cordeiro, Dr. Silva Júnior e Dr. Abdon Felinto Milanez entram numa disputa sobre o *saber médico* ao debaterem²⁸ sobre uma possível doença, e suas causas e formas de tratamento, atacando o exercício das práticas terapêuticas e o seu respectivo uso "vai se entregando aos curandeiros aos charlatães e á baixa rotina com prejuízo próprio em detrimento da verdadeira profissão medica" (A OPINIÃO, 05/07/1877), o paciente em questão era o Tenente-Coronel Aranha Chacon.

Percebemos que os embates e divergências entre os práticos da homeopatia versus os médicos alopatas, defendida, como “uma estratégia de manutenção de poder, na afirmação de sua atuação como única e legítima nas artes de curar” (MARIANO & MARIANO, 2022, p.259), no decorrer dos anos de 1870, começam a encontrar algumas soluções, ou, ao menos, passam a reconhecer e utilizar o método homeopático. Esse reconhecimento se deve, em grande medida, a sua eficácia, em alguns casos, legitimada pelo discurso de alguns médicos cirurgiões da Província. É o que podemos verificar na lista elaborada e encomendada, em outubro de 1877, “solicitada e sem retorno há mais de dois meses”, pelo cirurgião Antônio de Souza Nunes Pinto²⁹ ao Juiz de Direito da Comarca de Mamanguape, o Dr. José Paulim de Figueiredo para o tratamento dos indigentes acometidos de "febres intermitentes e perniciosas, inflamações gastro-intestinais e diarreias" (RELAÇÃO, 1877).

Quadro V - Relação de medicamentos homeopáticos e químicos para o tratamento dos indigentes da Comarca de Mamanguape em 1877

²⁸ Para mais informações sobre esse caso, ver Fortunato, 2021, p.78-89.

²⁹ Segundo Serioja Mariano e Nayana Mariano (2022, p.254), o cirurgião já obteve êxito e fazia uso do tratamento homeopático realizado em um caso de envenenamento pelo iodo. Não encontramos outra informação sobre o referido cirurgião.

| MEDICAMENTO | TRATAMENTO | EFICÁCIA |
|--------------------------------|-------------|---|
| Althea Francesa (raiz) | Homeopático | Tosse e Gargarejo; Emoliente |
| Água de Labarraque | - | Curativo das Chagas; Desinfectante |
| Bálsamo Tranquilo | Homeopático | Contra dores reumáticas, Ciática e Gota |
| Ácido Sulfúrico Diluído | Químico | Cauterizar mordidas de cobras e cães; Remoção de verrugas |
| Casca peruviana em jiló | Homeopático | Diurética e Laxante |
| Camphora | Homeopático | Moléstias internas e externas |
| Extrato de alcaçuz | Homeopático | Composição das massas peitorais; Dentição |
| Espírito de vinho | Homeopático | Aguardente |
| Flores de sabugueiro | Homeopático | Defluxos, Bronquite e Fumigação |
| Goma arábica | Homeopático | Emoliente; Inflamações no estômago |
| Linhaça em Grãos | Homeopático | Reumatismo e Inflamações |
| Laudano de Sydenham | Homeopático | Calmante; Relaxante |
| Massa cáustica | Homeopático | Aplica-se no pleuriz; Dores reumáticas |
| Manná | Homeopático | Problemas Intestinais; Purgante |
| Marcella gallega | Homeopático | Ação Anti-inflamatória |
| Nitrato de prata | Químico | Cauterização |
| Ópio purificado | - | Contra as Dores; Diminuição da fome |
| Óleo de rícino | Homeopático | Purgante |
| Poaia em pó | Homeopático | Lavagem Gástrica; Intoxicações Graves |
| Ruibarbo em pó | Homeopático | Laxante; Prisão de Ventre |
| Sulfato de quinina | Homeopático | Contra febres intermitentes |
| Hamamelis virginiana | Homeopático | Inflamações na Pele |
| Sene | Homeopático | Purgante |
| Tártaro Stibiatus (emético) | Homeopático | Expectorante; Vômico; Evacuação de substâncias venenosas |
| Tintura de Noz Vômica | Homeopático | Ação toxicológica; Doenças respiratórias e Cardiovasculares |
| Unguento de Basilicão | Homeopático | Antisséptico |
| Vinho Branco | Homeopático | Diurético; Contra a Anasarca |
| Xarope Comum | Homeopático | Expectorante |

Fonte: Quadro elaborado por nós a partir dos dados coletados na Relação de medicamentos solicitados ao Del.Juiz de Direito Dr. José P. Figueiredo, da Comarca de Mamanguape. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx.061-B (1875-1878); e adaptado com base nas informações contidas sobre o método e eficácia dos remédios no Dicionário de Medicina Popular do Dr. Chernoviz (1890).

É importante destacar que o ofício das artes de curar, na Parahyba Oitocentista, segundo Wuendisy da Silva (2020), foram aos poucos, sendo introduzido dentro do saber médico da época, a exemplo do manual *O Conselheiro Homeopatico* (1885), já citado anteriormente, há uma certa “pluralidade de disputas”, uma vez que as “indicações terapêuticas oficializadas de forma institucionalizada, também aconteciam de forma contrária à medicina alopática por via absolutamente explícita em textos de caráter inteiramente homeopáticos” (SILVA, 2020, p.93).

Observamos que o uso da homeopatia como tratamento médico, tanto era questionado e denunciado, como também utilizado, e em certos casos, obtinham um resultado eficaz, encontramos em um documento orçamentário da Vila de Bananeiras, nas intermediações do Riacho do Mulungu sobre a contratação de um homeopata “[...] havia sido fundado um hospital para nele serem tratados os doentes e para melhor regularização do serviço dos socorros públicos haviam sido nomeados empregados, sendo para o hospital dois curandeiros, um homeopata e outro alopatha” (COMISSÃO VILA DE BANANEIRAS, 1878, 26/08/1878).

Em relação a essa solicitação específica de “dois curandeiros” podemos levantar algumas hipóteses, de acordo com as considerações feitas por Betânia Figueiredo (2002, p.160-161), as atividades desenvolvidas por esses práticos são classificadas como profissionais (no tratamento de cura), auxiliares (quando solicitados e sem remuneração) e os vendedores ambulantes (de planas, raízes e ervas medicinais); por possuírem diversas habilidades em qualquer situação, e no caso em análise, em uma seca de três anos seguidos, somado ao alto número de indigentes e enfermos, além do baixo número de médicos disponíveis na Província, a contratação desses práticos seria uma alternativa válida para aquele momento. Outra hipótese levantada por Silva (2020, p.36) diz respeito ao “tipo de relevância terapêutica beirando tipos específicos de especializações profissionais à figura dos curandeiros”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de final de curso, só foi possível graças as pesquisas desenvolvidas no Programa de Iniciação Científica, que me proporcionou a prática e o amadurecimento da escrita acadêmica, além das experiências nos acervos históricos e o contato com seus respectivos documentos: os problemas (as ausências de determinados assuntos ou questões, o mal estado de conservação), as leituras e análises das fontes primárias, assim como a escolha do objeto e metodologia de pesquisa, do repertório historiográfico e acadêmico, e do cruzamento com as fontes encontradas sobre o tema da Saúde e das Doenças são alguns dos inúmeros processos de uma pesquisa histórica, que se tornou parte fundamental da minha formação acadêmica e enquanto pesquisadora.

Cabe destacar que a documentação do campo de estudos sobre a chamada "Grande Seca de 1877-1879", na Província da Parahyba, é vasto, e pode ser explorado em desenvolvimentos futuros nesta linha de pesquisa, a partir de uma análise sociodemográfica contendo os dados nosológicos e de mortalidade entre as mesorregiões da Mata, Agreste, Borborema e do Sertão Paraibano.

Podemos concluir, a partir da análise e discussão realizada, que a Seca de 1877 não foi apenas uma condição climática ou problema secular, mas também social, econômico e político. As migrações, muitas vezes, forçadas representam a triste realidade de muitas pessoas ao longo do século XIX e XX, esvaziando os campos e os sertões acarretando na queda da mão de obra e da agropecuária são alguns dos reflexos e consequências de qualquer estiagem.

É importante destacar que por mais que fossem fornecidas, a assistência aos desvalidos, ela não foi suficiente, pois, em cada núcleo/comarca e vilas, vemos uma negligência política em relação aos pedidos constantes de novas safras que sempre eram distribuídas em pouca abundância ou faltando diversos itens como de higiene e remédios. Esse problema é constante na historiografia e produção acadêmica que nos mostram como a Seca de 1877-79 chamou atenção dos poderes públicos, criando ou pelo menos solicitando, obras de açudagens, construções de ferrovias e rodovias que ligariam às Províncias ao redor.

Em relação às medidas higiênicas criadas e impostas, a reorganização e urbanização da capital foi considerada uma etapa importante pelos médicos e inspetores de higiene, mas existiam outras pendências como o péssimo estado da cadeia municipal, prostíbulos, vilarejos e núcleos coloniais, além da Santa Casa, que atendia inúmeros enfermos, não tinham estrutura, medicamentos, camas e equipamentos cirúrgicos necessários para o seu funcionamento.

Desse modo, constatamos que durante o período de Seca (1877-79) a gestão dos poderes públicos foi insuficiente e mal elaborada, se olharmos para o número dos fluxos migratórios, dentro da Província da Parahyba e fora dela, vemos que os indigentes buscavam novos lugares a todo momento "fugindo" da fome e do flagelo da seca. As condições de saúde se tornaram precárias conforme o número de amontoados sem assistência necessária, o que proporcionavam doenças infectocontagiosas, e aquelas causadas pela exposição excessiva ao sol e ambiente seco: as respiratórias, de pele, desidratação, fome e digestiva; como comprovamos com os registros de óbitos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Areia.

Sendo assim, o presente trabalho procurou analisar e discutir, por meio da historiografia e das fontes consultadas, os principais impactos e efeitos da seca de 1877-1879 na Província da Parahyba do Norte. Todas as consequências impostas pela seca foram sendo introduzidas, ao longo do século XX, no imaginário coletivo e cultural da população e das produções literárias, cinematográficas e musicais, além de se tornar um mecanismo de poder e de estratégia política na primeira metade da República, e até nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

Fontes/Registros

- COMISSÃO COMARCA DE SOUZA, Socorros Públicos, 13 de abril de 1878. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx.061-B (1875-1878).
- COMISSÃO DE SOCORROS DA VILA DE BANANEIRAS, 26 de agosto de 1878. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx.061-B (1875-1878).
- HOSPITAL DE SÃO PEDRO EM MAMANGUAPE, Paraíba, Livro de Entrada e Saída de Pacientes do. 1878-1879. Disponível em: <https://bit.ly/3Wu6IjE>. Acesso em: 25 de maio de 2023.
- IBGE, Recenseamento do Brazil em 1872, Rio de Janeiro: Typographia G. Leuzinger, s.d. [prov. 1875].
- IGREJA CATÓLICA. Registros paroquiais, 1877-1879. Nossa Senhora da Conceição (Areia, Paraíba). Óbitos: 1870-1877, 1877-1878, 1879. Disponível em: <https://bit.ly/3Wu6IjE>. Acesso em: 15 de maio de 2023.
- OFFICIO N°674, Enviado ao presidente de província Dr. Esmerino Gomes Parente. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx. 061-B, 10/07/1877.
- PARAHYBA DO NORTE, Repartição de Obras Públicas, 14 de junho de 1876. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx.061-B (1875-1878).
- PARAHYBA DO NORTE, VILLA DE PATOS, 02 de abril de 1877. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx.061-B (1875-1878).
- RELAÇÃO, Comarca de Mamanguape solicitando o envio da relação de medicamentos enviados ao Del.Juiz de Direito Dr. José P. Figueiredo, da Comarca de Mamanguape. Arquivo Público Waldemar Bispo Duarte, Cx.061-B (1875-1878).

Jornais

- A Opinião*, Paraíba do Norte, 15 de junho de 1877. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em 29 de Março de 2023.
- A Opinião*, Paraíba do Norte, 5 de julho de 1877. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em 29 de Março de 2023.
- A Opinião*, Paraíba do Norte, 22 de julho de 1877. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em 29 de Março de 2023.
- Echo Escolastico*, Paraíba do Norte, 19 de Setembro de 1877. Disponível em: memoria.bn.br. Acesso em 05 de maio de 2023.
- O Despertador*, Paraíba do Norte, 22 de Dezembro de 1876. Disponível em: memoria.bn.br. Acesso em 08 de abril de 2023.
- O Despertador*, Paraíba do Norte, 25 de Junho de 1877. Disponível em memoria.bn.br. Acesso em 08 de abril de 2023.
- O Despertador*, Paraíba do Norte, 27 de Junho de 1877. Disponível em memoria.bn.br. Acesso em 08 de abril de 2023.
- O Liberal Parahybano*, Paraíba do Norte, 29 de Julho de 1879. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em 01 de maio de 2023.
- O Liberal Parahybano*, Paraíba do Norte, 05 de agosto de 1879. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em 01 de maio de 2023.
- O Liberal Parahybano*, Paraíba do Norte, 28 de agosto de 1879. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em 01 de maio de 2023.

Relatórios dos Presidentes de Província da Paraíba disponíveis na web

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial da Paraíba do Norte, pelo presidente Esmerino Gomes Parente, em 12 de agosto de 1877. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1877. Disponível em www.crl.edu/content/brazil/pari.htm. Acesso em 18 de novembro de 2022.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Esmerino Gomes Parente passou a administração da província ao 1o. vice-presidente, Dr. José Paulino de Figuerêdo, em 1 de março de 1878. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1878. Disponível em www.crl.edu/content/brazil/pari.htm. Acesso em 09 de março de 2023.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Offício com que o Exm. Sr. vice-presidente Dr. José Paulino Figueiredo passou a administração da província ao Exm. Sr. Dr. Ulysses Machado Pereira Vianna no dia 11 de março de 1878. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1878. Disponível em www.crl.edu/content/brazil/pari.htm. Acesso em 09 de março de 2023.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial da província da Parahyba do Norte pelo presidente, Exm. Sr. Doutor Ulysses Machado Pereira Vianna, em 1º de janeiro de 1879. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1879. Disponível em www.crl.edu/content/brazil/pari.htm. Acesso em 09 de março de 2023.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório com que o Exm. Sr. 2º vice-presidente Padre Felipe Benicio da Fonseca passou a administração desta Província ao Exm. Dr. José Rodrigues Pereira Junior, em 12 de junho de 1879. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1879. Disponível em www.crl.edu/content/brazil/pari.htm. Acesso em 30 de março de 2023.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Exposição com que o Exm. Sr. Dr. José Rodrigues Ferreira Junior passou a administração desta Província ao Exm. Sr. Padre Felipe Benicio da Fonseca Galvão - 2o. Vice-Presidente- 30 de abril de 1880. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1880. Disponível em www.crl.edu/content/brazil/pari.htm. Acesso em 30 de março de 2023.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Falas de astúcia e de angústia: A seca no imaginário nordestino- de problema a solução (1877-1922)**. 1988. 449 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1988.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, v. 2, 1978.

_____. **Brejo de Areia: memórias de um município**. 2. ed. Ed. Universitária - UFPB. J. Pessoa: 1980.

ALMEIDA, José Américo. **A Paraíba e Seus Problemas**, Brasília: Senado Federal, 2012 [1923].

ARAÚJO, Mairane P. M. O movimento do Quebra-Quilos. **Monografia/História/UFRN**. Rio Grande do Norte, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. - [Edição Especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARRETO, Maria Renilda Nery; PIMENTA, Tânia Salgado. A saúde dos escravos na Bahia oitocentista através do hospital da misericórdia. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 75 – 90, 2013.

- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CASTRO, Oscar Oliveira. **Medicina na Paraíba:** flagrantes de sua evolução. João Pessoa: A União, 1945.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril:** Cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular.** 6. ed. Paris: A. Roger & F.Chernoviz, 1890.
- COELHO FILHO, H. Medicina, doenças e médicos nos primeiros anos da Paraíba. **Revista do IHGP**, n.18, 1971, p.177-195.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800:** uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- DIAS, Dayanne Júlia Carvalho. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE) Resgate - **Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 27, n. 2 [38], p. 175-194, jul./dez. 2019
- DIAS, Margarida Maria dos Santos. **Intrépida ab origine:** o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da História local. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora LTDA, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 11, p. 57-74, 2004.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca:** o caso da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar:** cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro. Vício de Leitura, 2002.
- JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Paraíba.** Edição fac-símile da 1ª edição de 1892. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.
- LE GOFF, Jacques (org). **As Doenças tem história.** Lisboa: Terramar, 1982.
- LIMA, Luciano Mendonça de. Quebra-quilos: uma revolta popular na periferia do Império. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). **Revoltas, motins, revoluções:** homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org^a). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma.** Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MARIANO, Nayana R.C. **Educação pela higiene:** a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886). João Pessoa: Ideia, 2015.
- MARIANO, Serioja & MARIANO, Nayana. Oh! Da Polícia, e da Câmara Municipal, Alerta!”A homeopatia na Província da Parahyba em tempos de epidemias (1850-1860). In: MIRANDA, Carlos A.; MARIANO, Serioja R. C (orgs). **Saúde e sociedade no Brasil:** uma perspectiva histórica. Recife: Ed. UFPE, 2022. v. 1. P.236-263.
- MARIANO, Serioja R. C. Entre a Medicina, a Política e a Poesia: a trajetória do Dr. Antonio da Cruz Cordeiro na Província da Paraíba na segunda metade do Oitocentos. **Saeculum—Revista de História**, p. 299-318, 2015.
- MARIANO, Serioja R. C. Não há mais grave, mais perigosa, e mais temível: a sífilis na Província da Parahyba (1860-1880). **Saeculum Revista de História**, Vol. 25 n° 43 jul-dez.2020, p.263-279.
- MARIANO, Serioja R. C.. Conselhos do Curandeiro Prático - Para o Bem da Humanidade: a varíola na Província da Parahyba nas Décadas de 1870-1890. In: BATISTA, Ricardo dos

- Santos; SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos (org.). **História, saúde e doença no nordeste do Brasil**. Natal: EDUFRN, 2022. p.180-194.
- MARTINS, N. S. **Santa Casa dos mortos: ritos fúnebres, mortalidade e relações de poder na Paraíba oitocentista**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.
- MATOS, Francisco Ramon. “Guerra contra a seca”: cultura política, intelectuais mediadores e semiárido no Rio Grande do Norte (1900-1930). **Temporalidades**, v. 10, n. 3, p. 171-186, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Editora da Universidade/UFRGS, 2002a.
- _____. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b.
- PINTO, Irineu. O cholera-morbus na Paraíba. **Revista do IHGP**, n. 2, 1910, p. 117-132.
- _____. **Datas e Notas para a História da Paraíba, vol. 1**, João Pessoa: Ed. 1977.
- REBOUÇAS, André. A Seca nas Províncias do Norte. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Louzinger & Filhos, 1877. **O nono livro das secas. Mossoró: Guimarães Duque**, p. 126-278, 1983.
- REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O Corpo – O Doente e Sua História. In: LE GOFF, Jacques (dir.). **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. P. 141-159.
- ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SILVA, Lucian Souza da. **Esmagando a cabeça da Hidra: escravidão, liberdade e abolição na Paraíba do Norte, 1877-1888**. Tese (Doutorado em História/UFPE), Recife, 2021.
- SILVA, Rosimeire Pereira da. Morte e Seca: a cidade de São João do Rio do Peixe (PB) durante a estiagem de 1877/79. **Monografia/História/UFCG**, 2012, p.1-42.
- SILVA, Wuendisy Fortunato da. **Artes de Curar em confronto? Disputas, Ofícios e Práticas de Cura na Paraíba Imperial (1870-1880)**. Dissertação (Mestrado em História), PPGH/UFPB, João Pessoa, 2020.
- SIMONINI, Yuri. Do vazio incógnito a problema nacional: o Nordeste brasileiro sob o olhar politécnico, 1877-1909. **História e Cultura**, v. 9, n. 1, p. 118-137, 2020.
- SOARES JÚNIOR, Azemar. História e Historiografia da Saúde e das Doenças na Paraíba. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, UFU**, vol.18, n.2, p.100-133, 2021.
- SOUSA JUNIOR, Laércio de Araújo. Os mortos, a morte e o morrer em tempos de epidemia: o caso da Província da Parahyba do Norte (1850-1860). **Monografia UFPB**. João Pessoa, 2020.
- TEÓFILO, Rodolfo. **A fome; Violação**. Livraria J. Olympio Editora, 1979.